



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

LUCAS SAVIO GOMES

**AÇÃO E REFLEXÃO: DESAFIOS, POLÍTICAS E PRÁTICAS DOCENTES NA
TRAJETÓRIA DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS**

Campinas
2025

LUCAS SAVIO GOMES

**AÇÃO E REFLEXÃO: DESAFIOS, POLÍTICAS E PRÁTICAS DOCENTES NA
TRAJETÓRIA DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS**

*Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, como parte dos requisitos exigidos
para a obtenção do título de Mestre em
Educação Escolar, na Área de Educação
Escolar.*

Orientadora: Profa. Dra. Nima Imaculada Spigolon

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO LUCAS SAVIO
GOMES, E ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. NIMA IMACULADA SPIGOLON.

Campinas
2025

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

G585a Gomes, Lucas Sávio, 1989-
Ação e reflexão : desafios, políticas e práticas docentes na trajetória do educador de jovens e adultos / Lucas Sávio Gomes. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Nima Imaculada Spigolon.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Políticas públicas. 3. Formação de professores. I. Spigolon, Nima Imaculada. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: Action and reflection : challenges, policies and teaching practices in the career of youth and adult educators

Palavras-chave em inglês:

Youth and adult education

Public policy

Teacher training

Área de concentração: Educação Escolar

Titulação: Mestre em Educação Escolar

Banca examinadora:

Nima Imaculada Spigolon [Orientador]

Adriano Salmar Nogueira e Tavera

Claudia Amoroso Bortolato

Rosângela Cristina Gonçalves

Data de defesa: 21-02-2025

Programa de Pós-Graduação: Educação Escolar

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

ODS: 10. Redução das desigualdades

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0002-7337-6001>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4345952860733100>

COMISSÃO JULGADORA:

Nima Imaculada Spigolon
Adriano Salmar Nogueira e Tavera
Cláudia Amoroso Bortolato
Rosângela Cristina Gonçalves

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a Deus que me amparou, protegeu e guiou nos inúmeros descolamentos que realizei de São Paulo até a Unicamp situada em Capinas, foi com a sua graça e proteção que percorri essas estradas sem nenhum incidente e graças a sua bondade consegui ter uma saúde saudável para concluir este estudo.

Faço memória de minha bisavó Dona Ana Palma Gomes, que foi a minha primeira aluna da EJA a qual ministrei aulas práticas e ela lecionou-me aulas da vida. Receba meu abraço na eternidade.

Dedico a minha mãe Andréia Cristina Gomes, uma mulher negra, corajosa e guerreira que durante minha jornada acadêmica não mediu esforços no seu trabalho diário para a conclusão dos meus estudos.

Faço lembrança dos meus alunos da EJA os quais foram minha inspiração nessa jornada, na escrita e no grito por uma educação igualitária para todos.

Por fim dedico aos meus amigos de caminhada, os que encontrei na UNICAMP, os da minha moradia em São Paulo e os que reside na minha cidade Natal de Guaratinguetá, gratidão a todos que rezaram, torceram e se emocionaram comigo na pesquisa, escrita e defesa deste trabalho. Sigamos ejeando. Sigamos lutando por uma educação para todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Professora Nima. Ela foi mais que uma orientadora, foi uma mãe que ganhei em Campinas. No seu olhar doce, no seu abraço acalentado e no seu saboroso café, tinha em suas mãos o dom de costurar o que se encontrava desmontando nas minhas páginas de escrita, no meu pensamento e em minhas teorias. Uma mulher guerreira e destemida, que carrega consigo os traços do amor pela educação, pela sala de aula, por Paulo Freire e Elza Freire, pelos seus alunos e orientandos. Obrigado por acreditar em mim, mesmo quando a página em branco parecia mais convincente. Obrigado por cada feedback que sempre veio regado de amor e paciência.

Agradeço aos membros da minha banca de qualificação e defesa, foram professores que contribuíram para o termino deste trabalho.

Agradeço a Faculdade de Educação da UNICAMP, a coordenação do Mestrado Profissional, aos professores, funcionários e todos que trabalham neste prédio dedico a exalar o cheiro de uma educação justa para todos.

Por fim agradeço a Agencia de Fomento da UNICAMP e a CAPES, que me auxilio na participação da Reunião da ANPED Sudeste em dezembro de 2024.

RESUMO

A presente pesquisa vincula-se ao campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujo objetivo geral é identificar, analisar e refletir sobre os desafios, as políticas públicas e as práticas pedagógicas no ensino da EJA. A pesquisa fundamenta-se na perspectiva (auto) biográfica ao refletir tanto sobre a atuação do professor dessa modalidade, quanto às reflexões durante a formação do Mestrado Profissional, promovendo uma nova práxis. A pesquisa (auto) biográfica é uma abordagem metodológica que utiliza a própria experiência de vida do pesquisador como fonte de conhecimento. É uma jornada de investigação em suas memórias, sentimentos, percepções e vivências para construir uma narrativa sobre si e seu lugar no mundo, desde sua formação até sua atuação como educador. É um retorno às suas memórias, às suas fotos, aos seus diários, vídeos, áudios e redes sociais. É uma retrospectiva dos seus materiais acadêmicos, diários de bordo, relatórios, cartas, portfólios e demais documentos docentes. Estes objetos são necessários para transformar a prática docente em objeto de estudo, investigação, análise e fazer científico. “A escrita de si é considerada como dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não formal e informal” (Passeggi, Sousa e Vicentini, 2011, p. 373). Os capítulos são organizados em temas geradores e os subtítulos em palavras geradoras, ao final, nas (in) conclusões me apresento como o “Negro Rei” característica essa que me descobri durante o percurso do Mestrado Profissional e Educador de Jovens e Adultos. A palavra Índice cede lugar a Palavra Modalidade, o que representa a Educação de Jovens e Adultos. Introdução foi substituída pela palavra EJEAR, termo utilizado pelo Grupo de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) a qual sou membro e que representa o movimento da EJA. Conforme o estudo bibliográfico desenvolvido, é possível identificar que a EJA é oferecida nas redes de ensino como um processo inicial de alfabetização e não como um direito à educação, como nos afirmam Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001). Oferecer ao público da EJA uma educação de qualidade é “proporcionar ao aluno a conquista dos seus direitos na sociedade” (Arelaro e Kruppa, 2007, p.100), é proporcionar ao aluno da EJA a possibilidade de deixar de ser objeto na sociedade para se tornar um sujeito de direito. Por fim, a pesquisa constatou que a EJA enfrenta um processo de desconstrução diante da diminuição de suas políticas e na formação dos educadores.

Palavras-chave: EJA; Políticas Públicas; Formação de Educadores.

ABSTRACT

This research is linked to the field of Youth and Adult Education (EJA), whose general objective is to identify, analyze and reflect on the challenges, public policies and pedagogical practices in EJA teaching. The research is based on the (auto)biographical perspective, reflecting on the work of teachers in this modality, as well as reflections during the Professional Master's training, promoting a new praxis. (Auto)biographical research is a methodological approach that uses the researcher's own life experience as a source of knowledge. It is a journey of investigation into their memories, feelings, perceptions and experiences to construct a narrative about themselves and their place in the world, from their training to their work as an educator. It's a return to your memories, your photos, your diaries, videos, audios and social networks. It's a retrospective of your academic materials, logbooks, reports, letters, portfolios and other teaching documents. These objects are necessary to transform teaching practice into an object of study, investigation, analysis and scientific endeavor. "Self-writing is considered to be a device through which the person writing is led to reflect on their formal, non-formal and informal training" (Passeggi, Sousa and Vicentini, 2011, p. 373). The chapters are organized into generative themes and the subtitles into generative words. At the end, in the (in) conclusions, I present myself as the "Black King", a characteristic that I discovered during the Professional Master's Degree as a Youth and Adult Educator. The word Index gives way to the word Modality, which represents Youth and Adult Education. Introduction has been replaced by the word EJEAR, a term used by the Youth and Adult Education Research Group (GEPEJA) at the State University of Campinas (UNICAMP), of which I am a member, and which represents the EJA movement. According to the bibliographical study carried out, it is possible to identify that the EJA is offered in education networks as an initial literacy process and not as a right to education, as Di Pierro, Joia and Ribeiro (2001) state. Offering the EJA public a quality education is "providing the student with the conquest of their rights in society" (Arelaro and Kruppa, 2007, p.100), it is providing the EJA student with the possibility of ceasing to be an object in society and becoming a subject of rights. Finally, the research found that the EJA is facing a process of deconstruction in the face of a decline in its policies and in the training of educators.

Keywords: EJA; Public Policies; Educator Training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Eu no colo da minha bisavó, tendo minha mãe ao lado	15
Figura 2 - Eu na formatura da pré-escola.....	16
Figura 3 - Trabalho realizado com adultos nos movimentos sociais da igreja.....	22
Figura 4 - Eu com minha Bisavó.....	23
Figura 5 - Alunos da EJA.....	24
Figura 6 - Eu com a Professora Nima (Orientadora)	26
Figura 7 - Poema escrito por uma aluna do CIEJA	36
Figura 8 - Arquivo Pessoal – Entrada do CIEJA em São Paulo	37
Quadro 1 - Visita ao Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos, São Paulo .	35
Quadro 2 - A não permanência dos alunos na EJA.....	44
Quadro 3 - Preconceito vivenciado com um ano da EJA	49
Quadro 4 - Minha prática e vivência dentro da EJA	55
Quadro 5 - Relato Fabrícia.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GEPEJA	Grupo de pesquisas em Educação de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ACIEPE	Atividades Curriculares de Incentivo ao Estudo e Pesquisa
PROEJA	Programa Nacional de Integração Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
IFSP	Instituto Federal de São de Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo UFSCar Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNE	Plano Nacional de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNEJA	Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação
PAR	Plano de Ação Articuladas
PNLD EJA	Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PED	Programa de Estágio Docente
PNA	Política Nacional de Alfabetização
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PUC	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão

MODALIDADES

1. VAMOS “EJEAR”?	12
2. APRESENTAÇÃO	14
2.1. Memorial	14
2.2. O descobrimento de ser professor	17
2.3. O retorno	18
2.4. Professor da educação de jovens e adultos	23
2.5. Minha chegada na Unicamp	25
3. POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	28
3.1. EJA: sinal de esperança na história do Brasil	28
3.2. Implementação da EJA	31
3.3. O Plano Nacional de Educação e a Educação de Jovens e Adultos	37
3.4. Programa Brasil Alfabetizado	40
4. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	43
4.1. Narrativa da Sônia	43
4.2. O Desafio de permanecer na EJA	44
4.3. O preconceito social com a EJA	47
4.4. Preconceito com o aluno da EJA	49
4.5. Combater o preconceito	52
5. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DA EJA.	55
5.1. Narrativa da aula de Física	55
5.2. O professor da EJA	55
5.3. Formação do professor da EJA	56
5.4. Pedagogia da convivência na EJA	57
5.5. GEPEJA na formação do professor da EJA	62
6. EJA: DIREITO, JUSTIÇA E RESISTÊNCIA	65
6.1. Renasce a esperança	68
7. NEGRO REI	70
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
9. APÊNDICES	76

1. VAMOS “EJEAR”?

É com este propósito e desejo intraduzível em meu coração, que apresento nestas próximas páginas que sucedem, a minha trajetória como professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No brilhante outono do ano de 2018, novamente estava eu pisando nos chãos da escola para, assim como o poeta, poder cantar:

Aqui é o meu lugar
Onde plantei meu canteiro
Onde lancei a semente
Do meu sonho brasileiro

Há um encanto diferente
Em cada canto que passo
Em cada encontro que vejo
Há um sorriso, há um abraço

Canta minha gente
Que o seu canto tem mais valor
Traz a marca do trabalho
Da alegria e do amor (...)¹

Generosamente, pedi licença e adentrei ao território da EJA, após um tempo afastado da sala de aula. As portas da escola, localizada na periferia da cidade de São Paulo, se abriram para que eu pudesse ser professor de Matemática e Física. Os caminhos percorridos durante as aulas que se seguiram, os empasses, problemas e dificuldades resultaram nesta pesquisa. Na empreitada em encontrar metodologias facilitadoras na compreensão dos alunos, encontrei através das aulas experimentais de Física a oportunidade de transmitir o ensinamento de maneira compreensível. Numa troca de experiências, ideias e aprendizagens, os alunos da EJA puderam desfrutar do laboratório de Física, espaço de aprendizagem este que nunca havia sido frequentado por serem julgados inabilitados para tal uso. Mediante este relato vivenciado, compreendi a falta de formação adequada dos professores para lecionarem na modalidade EJA. Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) nos fazem observar que em alguns lugares, a EJA é utilizada

¹ Música “Meu Lugar” do Cantor e Compositor Mineiro Tavito Carvalho, 2014.

apenas como complementação de carga por muitos professores, lecionando sem formação, preparação e instrução.

A EJA não deve ser lugar de complementação de carga horária de trabalho, mas um espaço de troca de saberes, conhecimentos e conquistas de direitos por estes alunos que retornam aos bancos escolares na busca de serem reconhecidos na sociedade como sujeitos. A busca dos seus direitos sociais, perante uma sociedade que o exclui e o discriminam por não saber ler e escrever, nos faz repensar sobre três pontos fundamentais dessa modalidade de ensino no Brasil: desafios, políticas públicas e práticas pedagógicas.

Mediante Narrativas, tendo como elementos as experiências vivenciadas em sala de aula com a EJA, utilizando a metodologia de pesquisa (auto) biográfica e utilizando a “escrivência”, intitulada por Conceição Evaristo² como “a escrita que nasce de nós, das lembranças e das experiências de vida do próprio autor” (Duarte e Nunes, 2020, p.175), faremos uma releitura da Prática, gerando uma ação – reflexão, como Freire (2001, p.33) destaca “é a partir de uma prática educativa que o educador irá ‘pensar sobre’ e posteriormente, agir novamente, motivado pelas inquietações que o pensar ocasionou”.

² Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma escritora mineira, nascida em Belo Horizonte (MG) em 1946. Romancista, contista e poeta, é também pesquisadora na área de literatura comparada e foi professora na rede pública fluminense. Sua matéria-prima literária é a vivência das mulheres negras e seu trabalho tem por base reflexões sobre as profundas desigualdades raciais brasileiras.

2. APRESENTAÇÃO

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”.³

Cora Carolina, 1987.

2.1. Memorial

Era o ano de 1989, manhã do dia 21 de dezembro, na Maternidade e Hospital Frei Galvão na cidade de Guaratinguetá, interior de São Paulo, terra do primeiro Santo brasileiro Frei Galvão e do presidente Conselheiro Rodrigues Alves, nascia um menino negro e sonhador de nome Lucas Savio Gomes. Nas raízes do local onde nasci, já se tecia a minha história. Na terra das garças-brancas, garças que simboliza a liberdade, a visão de altura, a capacidade de olhar a vida do alto, onde não se distrai e nem deixa aprisionar pelo mundo cotidiano, nesta terra se encontrava os caminhos que iria percorrer. No colo de uma mulher negra, se despojava um menino que iria desbravar o mundo. No seio de uma bisavó analfabeta crescia um Mestre em Educação.

³ Trecho do poema “Meu Melhor Livro de Leitura”. CORALINA, Cora. Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha. 4. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987

Figura 1 - Eu no colo da minha bisavó, tendo minha mãe ao lado



Fonte: arquivo pessoal

Nasci numa família sem condições financeiras de estudos e sem exemplos de escolaridade. Sou o primeiro filho de uma jovem que se engravidou com 17 (dezessete) anos e por consequência abandonou os estudos para suprir as necessidades da maternidade. Criado por uma bisavó analfabeta, fui o inaugural de uma família numerosa a terminar o Ensino Médio e ingressar no Superior. Minha mãe e minha bisavó, sem muitos estudos, fizeram sacrifícios para que eu pudesse me formar. A minha raiz e amorosidade pela EJA, sempre encontrou os seus traços dentro da minha linguagem. Sem incentivos a leitura e a estudos, encontrei na prof.^a Elza de Português, da 5ª série, da Escola Ana Fausta de Moraes, onde eu estudava em Guaratinguetá, o meu exemplo de professora. Ela já havia lecionado para toda a minha família e sempre me dizia: “eu fui a primeira a dar uma peça do seu enxoval para a sua mãe”. O carinho e afeto dessa professora, que recebi gratuitamente, fazia-me querer ser como ela: professor.

Com dois meses de vida, fui para a creche, é o início da minha caminhada estudantil. Entrei na escola com um ano e nela estou até hoje. Relembro com carinho e afeto das minhas professoras do Pré e de todos que, durante os meus 07 anos, acompanharam-me na jornada; creche de manhã e pré-escolar no período da tarde.

Figura 2 - Eu na formatura da pré-escola.



Fonte: arquivo pessoal

Depois do meu primeiro contato com a Professora Maria Teresa na 5ª série, tive a certeza de que o meu futuro era ser professor de Matemática. Porém, sabia que a minha família não teria condições de pagar a faculdade. Durante o Ensino Médio, convivendo e aprendendo com a Prof.^a Marli de Matemática na E.E. Conselheiro Rodrigues Alves, esse desejo aumentou e tive a confirmação, é isso o que quero. Comecei a buscar formas e maneiras de conseguir uma vaga na faculdade pública. Terminei o ensino médio em 2007 e em 2008 consegui uma bolsa num cursinho pré-vestibular. Ao final daquele ano, prestei prova para Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade Estadual Paulista (UNESP). O meu sonho era USP, contudo passei na UFSCar e UNESP. Optei pela UFSCar, comecei então a minha jornada acadêmica e o início de alguns conflitos familiares. Parte da minha família apoiava, outra achava absurdo “eu, filho de empregada doméstica, ir embora, fazer faculdade?”. Sem dar ouvidos e recebendo apoio da minha mãe e da bisavó, embarquei no ônibus que tinha como destino São Carlos, mas, na verdade, o destino mesmo era a busca do sonho.

Durante o meu ingresso na universidade tudo era novo, amizades, cidade, vida, o sentimento de liberdade, porém tudo era complicado, a permanência, os gastos, as dificuldades e os estudos. Oriundo de escola pública, por vezes a dificuldade para acompanhar os raciocínios dos professores e o desempenho da turma era complexo. Cheguei a acreditar naquilo que a minha família dizia. Desistir e o choro fizeram presentes semanalmente na minha vida, mas depois que paguei a passagem e entrei no ônibus da busca do sonho, esse ônibus só tinha ida, a volta era inexistente. Então persisti, prossegui e fui até o fim.

Durante a minha vida acadêmica, participava de um grupo de estudos intitulado como ACIEPE (Atividades Curriculares de Incentivo ao Estudo e Pesquisa) com a Prof.^a Dra. Bárbara Sicardi, onde o eixo da pesquisa era as formas lúdicas de ensinar matemática. Nessa realidade já ouvia os desafios da EJA, sem saber que futuramente nela encontraria o meu despertar para o mestrado. Este foi meu primeiro contato que tive com outros professores que trabalhavam em diferentes tipos de ensino (infantil, fundamental e EJA).

2.2. O descobrimento de ser professor

As nossas experiências de vida, faz parte do processo de caminhar que desenvolvemos durante a nossa vida. As minhas experiências com pessoas de mais idade, confirmam a minha amorosidade e empatia para com a bagagens que eles carregam. Por trás de cada mãe, se esconde relatos de um caminho de amor incondicional, por trás de cada mulher, se acoberta as entranhas do mundo, por trás de cada professor se encapota profissionais altamente qualificados, por trás de cada jovem, adulto, trabalhadores e idosos da EJA se esconde o sonho do diploma, do reconhecimento e da realização pessoal. Por trás de cada estudante que se evadiu, acoberta o fracasso, a tristeza e o sentimento de dever não cumprido. Partilhar experiências, vivências e conhecimentos com estes professores, foi o abrir do coração e da mente para entender as dificuldades dos alunos, bem como de compreender a não permanência dos mesmos nas salas de aula.

Relembro com Saudades da minha amiga Priscila que ingressou juntamente comigo na Universidade, porém não permaneceu. Talvez essa seja a minha primeira realidade de desistência. Priscila carregava na bagagem a mesma experiência e história de vida parecida com a minha. Éramos inseparáveis. Descobrimos juntos o significado da palavra amizade e companheirismo, por vezes dividíamos os problemas, as dificuldades, o choro e até alimentação. Ela foi meu amparo e eu o dela. Durante a nossa vida acadêmica, Priscila decidiu voltar para a sua cidade São Paulo, a fim de se casar. Não aconteceu o casamento e ela desistiu de ser professora. Quando a revejo, ainda que poucas vezes, afirmo para ela que o carisma de ensinar está impregnado no seu coração e que ela seria uma ótima professora. Torço para que a sua não permanência seja passageira e que ela possa se redescobrir um dia na sala de aula.

Iniciei a minha vida de professor numa escola periférica da cidade de Sorocaba, fiquei um mês nessa unidade, logo fui transferido para outra na Zona Rural, onde permaneci por três meses lecionando para alunos da 5ª e 6ª séries. Minha turma tinha 40 alunos, todos disciplinados e educados, sentavam-se na sala em ordem numérica, achava aquela realidade muito significativa, contudo, a dificuldade de aprendizagem era grande, relembro quando tive que ensinar equação do 1º grau, demorei uma semana para eles entenderem o conceito (*risos*). Foi então que resolvi aplicar alguns conhecimentos da graduação, comecei a utilizar materiais manipuláveis para ensinar. Os alunos mediram o comprimento e a largura da quadra de esportes, para depois calcular a área. Que experiência sensacional! Ao final de cada atividade lúdica, esquecíamos os protocolos (professor e aluno) e tirávamos uma foto espontânea, onde cada um demonstrava o seu sorriso. Saudades desses meus alunos, por onde será que eles andam?

2.3. O retorno

Em 2015 retornei para a minha cidade em Guaratinguetá, interior de São Paulo, minha bisavó foi diagnosticada com Alzheimer, seus filhos não tinham tempo para cuidar, então resolvi interromper meu plano de vida acadêmica e retornei para estar com ela. Comecei a lecionar na E.E. Francisco de Paula Santos, localizada na cidade de Roseira, vizinha da minha cidade, na parte da manhã, como professor contratado do Estado. Nela

ministrava para alunos do Ensino Médio e por vezes, perguntava como despertar o interesse deles na Matemática. Relembrei de uma atividade que desenvolvi enquanto aluno do Ensino Médio com a então prof.^a Marli, chamava-se Hilorama⁴, é uma arte das cordas por um arranjo de fios coloridos amarrados entre pontos para formar figuras geométricas. Com ajuda de outros professores, incentivamos os alunos e comecei a desenvolver atividade, foi uma troca de experiências, vivências e um despertar pela arte, encerrei a minha passagem por essa escola e na vida daqueles alunos de maneira representativa, tenho a certeza de que a Matemática sempre será lembrada por eles através dos Hilorama.

No mesmo ano, comecei a trabalhar na Escola Estadual André Broca no período da tarde, desenvolvi um projeto com os alunos intitulado: “A História do meu Patrono, qual a origem do nome que carrega a minha escola?”. Esta atividade, embora lecionasse física, tinha por iniciativa despertar nos alunos do 3º ano do Colegial a escolha da Profissão que deveriam escolher ao final daquele ano. Eles, os alunos, tinham que descobrir a história do Patrono da escola e por consequência redescobrir a seu próprio enredo de vida. Os alunos viraram pesquisadores e foram investigar. Alguns, foram até o cemitério da cidade buscar por referências, e encontraram. Muito me emociona quando vejo que os muros da escola não são empecilhos para que a educação, aprendizagem e a descoberta aconteçam.

Ler, escutar e ver histórias de pessoas, sempre moveu o meu existir, talvez esse seja o marco que encontrei na EJA. Quando olho para estes alunos adultos, pergunto-me: quantas histórias? Quantas lutas? Quantos sonhos foram encerrados ou fracassados? E por vezes, vejo-me como aquele que deve ajudá-los a buscar os seus sonhos, assim como fui buscar o meu um dia.

Durante três anos consegui permanecer numa única escola, chamada E.E. Professor Rogério Lacaz da minha própria cidade de Guaratinguetá, como professor de Física, nesta unidade escolar desenvolvi o projeto “Feira de Ciências” sendo reconhecido em toda a diretoria de ensino da cidade de Guaratinguetá. Por ser uma Escola que fica

⁴ Hilorama: A arte das cordas ou arte de pinos e fios é caracterizada por um arranjo de fios coloridos amarrados entre pontos para formar padrões geométricos ou desenhos representativos

na Aeronáutica (Área Militar), podia usar dos recursos do Espaço para administrar as aulas e ensinar, e assim o fiz.

Nesta Escola uni-me com as professoras de Matemática Luciana, a Conceição de Química e a minha coordenadora pedagógica Maria Inês (Maria Inês era irmã da minha professora de Artes no Ensino Fundamental da Escola Ana Fausta, a professora Dora, a qual nutria um grande carinho, respeito e admiração). Fizemos um grande trabalho de incentivo, aprendizagem e entrelaçamento dos alunos com a sociedade e com os professores. A feira de ciências foi uma dessas atividades, assim como a participação na Bienal do Livro, em Exposições e nas Visitas Técnicas. Para mim, isso é fazer a Educação como Prática da Liberdade⁵, como destaca Paulo Freire (1967) ao reportar à experiência pedagógica que realizou, antes do Golpe de 1964 — o método de alfabetização de jovens e adultos, no nordeste brasileiro.

Dentre os projetos que incentivei os alunos na E.E. Rogério Lacaz, está a Olimpíada de Física de 2016. O aluno Caio do 3º ano de Colegial alcançou o terceiro lugar. Representei ele na premiação que ocorreu na USP/São Carlos. O Destino nos reserva grandes experiências e presentes, da mesma cidade onde um dia cheguei como aluno perdido a fim de conseguir o meu diploma de professor, hoje retorno como professor formado a fim de ser premiado por um aluno na Olimpíada de física das Escolas Públicas Brasileiras.

A Educação vai além da transmissão de conhecimento teórico das disciplinas curriculares, ela contribui para a formação cidadã dos estudantes e promove a transformação do meio social para o bem comum. Esta, sempre foi minha visão quando promovia visita dos alunos aos espaços de aprendizagem.

Antes de eu desbravar-me para a cidade de São Paulo e ao final do meu período como professor na minha cidade de Guaratinguetá, realizei meu último projeto intitulado como “Regata de Barco de Papelão. Ao encerrar daquele ano, pensava como poderia deixar a Física registrada na vida daqueles alunos do 3º ano de Colegial. Então, lembrei de uma experiência vivenciada na Graduação. Fiz recortes, adaptações e alguns moldes e chegamos a um evento que envolveu todas as disciplinas, a direção do colégio,

⁵ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

supervisora de ensino, corpo de bombeiros e equipe da aeronáutica, além de uma Televisão Local que fez registro do evento. Os alunos construíram um barco totalmente de papelão, adentraram-no e atravessaram uma piscina. O barco não afundou, não se desfez e não naufragou.

Quantas trocas de experiência, quanto conhecimento e aprendizagem. Esses alunos jamais esquecerão a experiência vivenciada naquele dia.

Sempre digo que a Educação e a Religião são minhas paixões, durante toda a minha catequese, destacava-me pelas tarefas que sempre era realizada, pelo desejo de passar o conteúdo na lousa ou somente pelo carinho como tratava as minhas catequistas (Roseli e Cristina, as quais até hoje chamo de professoras), ao término do meu período de catequese fui convidado para me tornar um. Pronto, torne-me professor sem ter feito licenciatura e desde então passei a ficar sempre cercado de Crianças. Este são os sinais de que o mundo da educação, é o meu lugar. As minhas amizades sempre foram com pessoas de mais idade que a minha. Trabalhei durante anos na igreja do meu bairro, onde até hoje retorno às vezes para ajudar, com mulheres que me tratavam-me com um filho e eu dedicava a elas todo o meu tempo, respeito e admiração. Juntos descobrimos o significado da palavra amizade e trabalho em equipe, fiz parte do convívio familiar delas e elas do meu. Talvez essa seja a minha predileção pela EJA, pelo trabalho com adultos, pela empatia com esse público. Trago essa predileção a muitos anos enraizados dentro do meu coração.

Figura 3 - Trabalho realizado com adultos nos movimentos sociais da igreja



Fonte: arquivo pessoal

Em 2018 a necessidade de ter um emprego fixo, fez com que eu mudasse para São Paulo, a fim de assumir um concurso público fora da área da educação, resolvi deixar de lado a educação, embora a busca pelo mestrado nunca tenha deixado. Tive que deixar minha Bisavó, que passou a ser cuidada por minha mãe, contudo, todos os finais de semana eu viajava para o interior a fim de estar com ela, e assim fiz até fevereiro de 2022, quando ela faleceu. Ainda que não presente fisicamente, mas minha Bisavó analfabeta verá o seu neto se torna um Mestre em Educação. Dedico sempre os meus estudos a ela, a fim de que todos possam conhecer e ter o direito a ler e escrever, não importando a idade, cor, credo ou religião.

Figura 4 - Eu com minha Bisavó



Fonte: arquivo pessoal

2.4. Professor da educação de jovens e adultos

*“Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro”⁶*

O trecho da música acima do cantor brasileiro Belchior (1976) chamada “Sujeito de Sorte” é uma metáfora poderosa para se comparar com a capacidade humana de se reinventar e superar adversidades. Belchior usa a imagem da morte e renascimento simbólicos para falar de um novo começo, onde as experiências dolorosas do passado não têm mais o poder de afetar o presente. Esta é a característica da EJA.

Em julho de 2022, após um tempo afastado das salas de aulas, retornei para a escola, minha primeira aula foi na EJA da E.E. Pref^o. Alfredo Vianello, periferia da Cidade

⁶ Música “Sujeito de Sorte” do Cantor Belchior, 1976.

de São Paulo. Quantas dificuldades senti, nunca havia trabalhado com esta modalidade de ensino, diante de tais conflitos procurei por formações pedagógicas. Participei do processo seletivo e ingressei na Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade EJA - PROEJA ⁷do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), na busca de propostas pedagógicas que pudesse contribuir para a minha formação de professor da EJA. Após um período de formação, percebi que podia ensinar física por meio de experimentos, deixando como alternativa a utilização da lousa, pois considerava complexo para o público da EJA entender uma aula de conteúdos explicativos de Física. Foi uma troca de experiência e vivências indescritíveis. Vi adultos voltarem a ser crianças. Vi jovens descobrindo o significado da palavra laboratório. Vi estudantes com anseio de querer aprender.

Figura 5 - Alunos da EJA



Fonte: arquivo pessoal

⁷ PROEJA - O programa se destina a desenvolver uma política que fortaleça e amplie o acesso e a permanência de jovens e adultos no sistema formal de ensino, oferecendo oportunidades de elevação de escolaridade, qualificação social e profissional e o desenvolvimento da solidariedade e da cidadania. “A integração da qualificação profissional com as políticas públicas de educação tem como propósito contrapor-se à separação entre educação básica, especialmente de nível médio, e formação profissional”. (São Paulo, 2010, p.15).

Pretende principalmente “formar profissionais com capacidade para atuar na elaboração de estratégias no estabelecimento de formas criativas das atividades de ensino-aprendizagem e de prever pró-ativamente as condições necessárias e as alternativas possíveis para o desenvolvimento adequado da Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos, considerando as peculiaridades, as circunstâncias particulares e as situações contextuais concretas implementado no IFSP” (Ibid. p. 16).

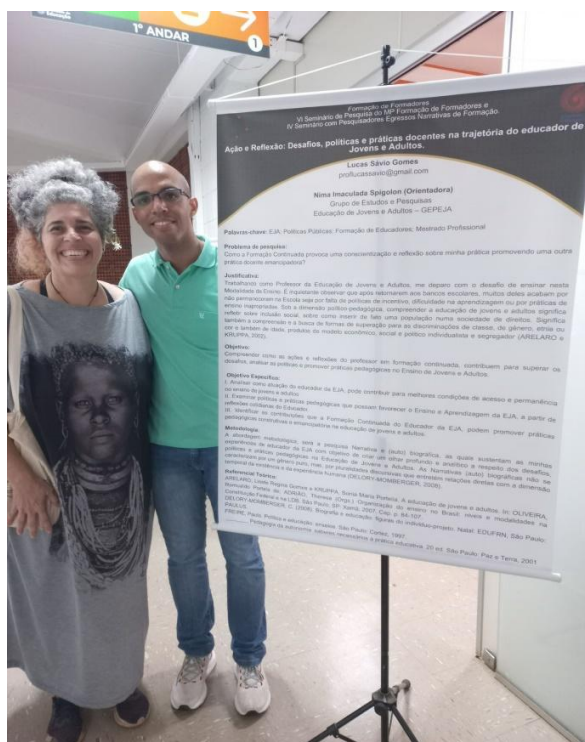
Também foi com essa turma de EJA que vivi a experiência que me levou ao Projeto de Pesquisa cujo qual me resultou na aprovação no Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar da UNICAMP, como relato na narrativa descrita no item 3.1 redigido na primeira semana de aula do Mestrado na Unicamp na disciplina de Memórias, Narrativas e Formação Docente.

2.5. Minha chegada na Unicamp

Na Unicamp conheci a Profa. Nima Imaculada Spigolon, ela esteve no processo seletivo e desde o primeiro encontro nossas vidas se cruzaram, ainda que fosse por uma tela de computador. Após o resultado do processo para ingresso no Mestrado Profissional (MP), durante a publicação com a lista de aprovados, veio minha maior surpresa. Profa. Nima era minha orientadora. Meu coração se encheu de alegria e a ansiedade para conhecer aquela educadora pessoalmente, contar sobre minha vida acadêmica, traçar metas e discutir todo o projeto, tomou conta de mim.

Após duas semanas de aulas, Nima me convida para um café, achei estranho, em vez de se reunir numa biblioteca para me passar todos os livros que deveria estudar, ela me convida para um café na padaria. Surpreso ou não, fui para este encontro. Quando a encontrei pessoalmente, foi uma troca de sentimentos, emoções e curiosidades dentro de mim, queria saber e ouvir tudo o que ela tinha para me falar. Nima com seu jeito de mãe, foi costurando os retalhos dentro de mim que estava descosturados por minha ansiedade. Agora sei, porque ela sempre nos convida para um café com pão de queijo, é no café que ela tem o dom de ligar os fios do queijo e nos deixar saborear todo seu conhecimento, com a suavidade de um aroma de café.

Figura 6 - Eu com a Professora Nima (Orientadora)



Fonte: arquivo pessoal

Senti no olhar de Nima aquele aconchego que muitas vezes vivenciei no olhar de minha bisavó. Certo dia, ela me convidou para conhecer o prédio da Educação, foi me apresentando para cada funcionário e departamento, na biblioteca me apresentou como o seu mais novo “pupilo”, lembro com carinho dessa fala dela, pois tive a certeza de que Ela me escolheu e eu a escolhi. Nossos caminhos estavam traçados, sou mais um negro lutador, que já sofreu as marcas do preconceito, que chega ao seu Grupo do GEPEJA para ao lado dela, lutar por aqueles quem não tem voz, vez e lugar. Lutar pelos alunos da EJA. Lutar pela EJA. Lutar pela Educação.

Eu e Nima caminhamos juntos durante esses dois anos de Mestrado, de mãos dadas, porque assim nós nos encontramos e somos “Resistência e Luta”:

*“Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não.
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção*

*Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*⁸

Com Nima eu aprendo todas às vezes de como me tornar um professor melhor. Na faculdade de Educação, ela é isso que se intitula no seu memorial: “uma travessia eivada pela oportunidade de dar uma nova importância à experiência” (Spigolon, 2020, p.298). Ela é a travessia para seus alunos realizarem a metamorfose e se fazerem conhecidos, através de seus escritos, falas e lugares.

⁸ Música "Pra não dizer que não falei das flores" foi escrita e cantada por Geraldo Vandré em 1968.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

3.1. EJA: sinal de esperança na história do Brasil

A Esperança perpétua os espaços da sala da EJA. Ao iniciar este capítulo, peço licença para começar este parágrafo fazendo memória da história da EJA a partir do Mobral, ele se fez presente na minha trajetória de Professor de Jovens e Adultos, quando uma das alunas, ao chegar na porta da sala de aula, perguntou: “professor, onde está a palmatória?”, com um sorriso no rosto respondi, aqui que ali só tinha palmas de amor, de letras e de números para lhe oferecer, então ela adentrou a sala, sentou na primeira carteira e num sorriso entranhado em seu rosto me disse: “sou do tempo do mobral professor, estou feliz em retornar”.

A esperança caminhou durante os últimos anos se entrelaçando com a EJA. Durante a Ditadura Militar, o ensino de adultos era intitulado como Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização, 1964 - 1985), que tinha como objetivo principal a defesa dos interesses pessoais do regime militar, cuja qual era a classe dominante no período. Nos anos 1970, durante ainda o período da ditadura militar, foi implantada a Lei n.º 592/1971, cujo objetivo principal era a organização do Ensino Supletivo.

Art. 24. O ensino supletivo terá por finalidade:

1. suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria
2. proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte. Parágrafo único. O ensino supletivo abrangerá cursos e exames a serem organizados nos vários sistemas conforme as normas baixadas pelos respectivos Conselhos de Educação.

Art. 25. O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos.

§ 1º Os cursos supletivos terão estrutura, duração e regime escolar que se ajustem às suas finalidades próprias e ao tipo especial de aluno a que se destinam.

§ 2º Os cursos supletivos serão ministrados em classes ou mediante a utilização de rádios, televisão, correspondência e outros meios de comunicação que permitam alcançar o maior número de alunos (Brasil, 1971)

Com pretensões de escolarizar uma parte significativa da população, a custos baixos, para atender às reivindicações de atividades de trabalho do período, esse foi

objetivo principal do supletivo, conforme relata Leôncio Soares (2002).

Dos anos 1970 a 1988 as luzes da educação de adultos no Brasil se apagam, e ela foi deixada de lado pelas autoridades políticas, criando um menosprezo por tal modalidade de ensino, Pinto (2001) faz uma importante colocação sobre tal atitude:

O menosprezo pela educação de adultos, a atitude de condená-los definitivamente ao analfabetismo (de parte de sua profunda imoralidade) incide no erro sociológico de supor que o adulto seja culpado de sua própria ignorância. Não reconhece que o adulto não é voluntariamente analfabeto, não se faz analfabeto, senão que é feito como tal pela sociedade, com fundamento nas condições de sua existência (p.82).

Em 1988, a partir da Constituição Federal do Brasil (CF), a educação de adultos volta a ganhar importância estabelecendo que “a Educação passa a ser direito de todos, independentemente de idade, e nas disposições transitórias” (Brasil, 1988) provindo recurso para a erradicação do analfabetismo. O Artigo 208 da CF estabelece que a educação é um direito de todos e deve ser promovida pelo Estado, garantindo a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino fundamental. Isso significa que o ensino fundamental deve ser oferecido de forma gratuita e que é dever do Estado assegurar que todas as crianças tenham acesso a essa etapa da educação, especialmente aqueles de famílias de baixa renda, sem o custeamento por parte da família, isso se torna fundamental na diminuição da evasão escolar. Além disso, o artigo também menciona a importância da educação infantil, do ensino médio e da educação superior, enfatizando a necessidade de um sistema educacional inclusivo e acessível a todos, independentemente de sua origem socioeconômica

O artigo 208 da CF, retrata a Educação de Jovens e Adultos, se referindo da importância e a classificando, com uma ferramenta de inclusão social, permitindo que aqueles que não tiveram acesso à escola na idade adequada, possam retornar possibilitando o seu acesso ao mercado de trabalho.

Quando nos referimos ao Mercado de Trabalho, ao garantir uma educação para todos, o artigo possibilita que todos os indivíduos adquiram as habilidades e competências necessárias para a inserção no mundo do trabalho contribuindo para a diminuição das desigualdades sociais, possibilitando uma melhoria de vida e redução da pobreza.

Em 1996, durante o Governo Fernando Henrique Cardoso,⁹ o termo educação de adultos passa a ser chamado Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo intitulado como modalidade de ensino, fundamental e médio, com aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) n.º 9394/1996.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento (Brasil, 1996).

A partir da LDBN de 1996, garantias para a modalidade da EJA foram sendo oferecidas para atender as necessidades dos jovens e adultos: o Plano Nacional de Educação (PNE) que coloca metas específicas para a EJA, buscando ampliar o acesso e a qualidade da educação para jovens e adultos; o Conselho Nacional de Educação (CNE) que emite resoluções que orientam a implementação da EJA, definindo currículos e metodologias adequadas para essa modalidade de ensino. Destacamos a mais recente Resolução, lançada em 25 de maio de 2021, a Resolução CNE/CEB n. 1/2021 onde institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), estabelecendo algumas diretrizes na Modalidade, dentre elas, destacamos:

I. A educação de jovens e adultos na modalidade de ensino à distância (possibilitando a transferência da EJA Educação à Distância (EaD) para a EJA Presencial); presencial e articulada à Educação Profissional.

II. A oferta com ênfase na Educação e aprendizagem durante toda a vida.

III. A flexibilização de oferta se adequando à realidade dos alunos.

IV. A organização em formato de regime modular ou semestral, com flexibilização do tempo para o cumprimento da carga horária, sendo: para os anos iniciais do Ensino Fundamental 1.600 (mil e seiscentas) horas e para o ensino Médio 1.200 (mil e duzentas) horas.

V. Os currículos da EJA devem ser embasados nas competências e habilidades expressas na Política Nacional de Alfabetização (PNA) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

VI. O Sistema Nacional Público de Formação de Professores deverá estabelecer políticas e ações específicas para a formação inicial e continuada de professores de Educação Básica de jovens e adultos, bem como para professores do ensino regular que atuam com adolescentes, cujas idades, extrapolam a relação idade-série, desenvolvidas em estreita relação com as Universidades Públicas e com os sistemas de ensino.

⁹ Presidente da República Federativa do Brasil de 1994 a 2002.

VII. A EJA Direcionada se estabelece com uma alternativa de atendimento para o estudante, que por razões de trabalho tem dificuldades de frequentar o início ou término das aulas, podendo assim ser ofertada em ambientes empresariais (Brasil, 2021, s/p.).

Esses documentos, entre outros, formam a base legal que sustenta a EJA no Brasil, promovendo a inclusão e o direito à educação para todos. Contudo, a legislação se torna desconhecida para alguns gestores escolares, no relato de Sônia, apresentado neste texto posteriormente (Quadro 2, pagina 43), a sua gestora escolar desconhecia o item da Resolução que estabelece o direito ao aluno trabalhador da EJA, de ter a EJA Direcionada, o que resultou na desistência da estudante.

3.2. Implementação da EJA

Implementar a EJA no território brasileiro enfrentou grandes desafios cujos quais alguns se fazem presentes atualmente. No 2º semestre do ano de 2024, foi divulgado pelas Diretorias Regionais da Cidade de São Paulo e pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo o fechamento de turmas noturnas regulares e das salas da EJA, embora as turmas noturnas regulares sejam direcionadas aos alunos em idade regulares, contudo, esses alunos estudam no período noturno por motivos de trabalho e, portanto, são alunos trabalhadores, os que o tornam e os enquadrarem na Educação de Jovens e Adultos. A EJA, não é apenas uma modalidade para quem não pôde concluir os seus estudos, ela também engloba todos os trabalhadores, jovens e adultos que precisam do ensino noturno para estudarem. Renegar o direito ao aluno da classe regular de estudar no período noturno, é renegar o direito do jovem trabalhador, do aluno trabalhador, do estudante trabalhador, do trabalhador brasileiro.

Mas não é só a oferta de vagas como um dos desafios da implementação da EJA, a falta de infraestrutura adequada nas escolas, a escassez de recursos financeiros e a necessidade de formação continuada para os educadores são obstáculos significativos.

Dentre os desafios encontrados ao lecionar para a Modalidade EJA, compactuo que a permanência dos alunos deveria estar nas pautas principais do poder público, conforme o artigo dois da LDB Nº9394/1996. Haddad e Di Pierro (2000) é decisivo ao assegurar que:

Não é a oferta que deve responder à demanda, pois em grupos desprivilegiados economicamente, excluídos de condições sociais básicas, com experiências escolares anteriores malsucedidas, além da oferta de vagas, é imprescindível a criação de condições de frequência (p.128).

Xavier (2019) complementa nos recordando que o

Acesso não é condição de permanência e tampouco de qualidade, ao atrair o adulto para a escola, é preciso garantir condições para que ele permaneça, considerando que as altas taxas de evasão, muitas vezes, têm origem no uso de material didático inadequado para a faixa etária, no conteúdo sem significado, nas metodologias que não respondem às necessidades dos alunos e no despreparo de muitos professores para atuar junto à educação de jovens e adultos (p.113).

O estudante da EJA só se evade porque ele não permanece. Se fizermos práticas de permanência consequentemente teremos combatidos a evasão escolar da Educação de Jovens e Adultos. Reflexionar, pensar e abranger a EJA é:

Refletir sobre inclusão social, sobre como inserir de fato uma população numa sociedade de direitos. Significa também a compreensão e a busca de formas de superação para as discriminações de classe, de gênero, etnia ou cor e também de idade, produtos de modelo econômico, social e político individualista e segregado (Arelaro e Kruppa, 2007, p.101).

Durante o período como professor da Educação de Jovens e Adultos, observei alguns elementos, a partir do relato de alguns alunos, que os desmotivavam a continuar os estudos:

- I. Infraestrutura inadequada: muitas escolas não possuem as condições físicas e materiais necessárias para atender adequadamente os alunos da EJA, como salas de aula apropriadas, recursos didáticos, banheiros adaptados e inclusivos, cadeados nos portões e grades nas janelas.
- II. Falta de recursos financeiros: a escassez de investimentos em educação impacta diretamente a qualidade da EJA, limitando a oferta de cursos e a capacitação de professores, impactando especialmente na oferta de merenda. Por vezes, a palavra fome, se fez presente durante as aulas. São alunos trabalhadores, que após enfrentarem um dia de trabalho, chega na escola cansados e fatigados, muitos deles oriundos de regiões periféricas, vulneráveis socialmente.

- III. Formação de educadores: a necessidade de formação continuada para os educadores que atuam na EJA é um desafio, pois muitos não têm a preparação específica para lidar com as particularidades desse público, utilizam a EJA como complementação de carga horária de trabalho.
- IV. Resistência cultural: muitos jovens e adultos enfrentam estigmas sociais ao retornar aos estudos, o que pode gerar resistência e desmotivação. A sala da EJA é o maior símbolo de inclusão presente numa escola, nela encontramos homens e mulheres, negros e brancos, trabalhadores e desempregados, violentados e infratores da lei, a transexual e o transexual, o gay e a lésbica, o periférico e o lavrador, o roqueiro e o sertanejo. O multiculturalismo perpetua de maneira bela e simpaticamente pela Sala da EJA.
- V. Conciliação de responsabilidades: a dificuldade em equilibrar trabalho, família e estudos é um obstáculo significativo, já que muitos alunos têm compromissos que dificultam a frequência regular às aulas, principalmente para as mulheres mães, que necessitam a conciliação da condição de mãe e estudante. Presenciei professores carregando no colo os filhos dos alunos enquanto eles realizavam atividades na sala de aula. Isso é EJA. Isso é EJEAR.
- VI. Abordagem pedagógica: a necessidade de uma metodologia que valorize a experiência de vida dos alunos e que seja adaptada às suas realidades é muitas vezes negligenciada, “a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice”.
- VII. Baixa visibilidade e valorização: a EJA ainda é vista por muitos como uma opção inferior à educação regular, o que leva a desestimular a participação e o investimento nessa modalidade. Quando o aluno retorna para a escola, não é a escola que lhe dá uma segunda chance, mas é ele que dá uma segunda chance para a escola cumprir com seu papel na sociedade. Relembro numa escola de EJA na qual lecionava, onde os professores faziam arrecadação voluntária com o objetivo de custear um carro de som para divulgar a inscrição para a EJA naquela unidade escolar.

Superar esses desafios é fundamental para garantir que a EJA cumpra seu papel de promover a inclusão e a formação de cidadãos conscientes e sujeitos de direitos.

Alguns locais onde a sociedade civil, juntamente com os professores e a população local, se levantaram, a EJA foi implementada, se adequando à realidade dos alunos e obteve sucesso, destaco algumas experiências bem-sucedidas de EJA:

- I. EJA no Sistema Prisional: em algumas unidades prisionais, programas de EJA têm sido implementados com sucesso, permitindo que detentos completem seus estudos. Um exemplo é o projeto “Educação para a Liberdade”, que oferece aulas de EJA em penitenciárias, promovendo a reintegração social e a redução da reincidência criminal.
- II. Projeto “EJA na Comunidade”: em diversas comunidades, como periferias e áreas rurais, iniciativas de EJA têm sido realizadas em parceria com organizações não governamentais. Esses projetos costumam adaptar o currículo às necessidades locais, abordando temas relevantes para os alunos, como saúde, direitos e cidadania. Relembro de algumas senhoras da minha comunidade que frequentavam o salão da igreja, onde tinham aulas para aprender a escrever o nome.
- III. EJA Integrada ao Ensino Técnico: algumas instituições têm integrado a EJA com cursos técnicos, permitindo que jovens e adultos não apenas completem o ensino fundamental e médio, mas também adquiram habilidades profissionais. Essa abordagem tem sido bem recebida, pois oferece uma formação mais completa e voltada para o mercado de trabalho, como os Institutos Federais que oferecem o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.
- IV. Educação de Jovens e Adultos na Educação Indígena: em algumas comunidades indígenas, a EJA tem sido adaptada para respeitar e valorizar a cultura local. Programas que incorporam a língua e os saberes tradicionais têm mostrado resultados positivos, promovendo a educação bilíngue e a valorização da identidade cultural.

- V. EJA e Tecnologias Digitais: algumas iniciativas têm utilizado plataformas digitais para oferecer aulas de EJA, especialmente durante a pandemia. Projetos que utilizam aplicativos e redes sociais para facilitar o aprendizado têm alcançado jovens e adultos que, de outra forma, não teriam acesso à educação.
- VI. Parcerias com empresas: em algumas regiões, parcerias entre escolas e empresas têm possibilitado a oferta de cursos de EJA com foco em habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. Essas iniciativas ajudam a preparar os alunos para a inserção no mercado, além de oferecer estágios e oportunidades de emprego.

Essas experiências demonstram que, com criatividade e adaptação às realidades locais, é possível implementar a EJA de forma eficaz, promovendo a inclusão e a formação de cidadãos mais preparados para enfrentar os desafios da sociedade.

Destaco de maneira exclusiva o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) na cidade de São Paulo, aqui apresento uma narrativa de minha visita ao local.

Quadro 1 - Visita ao Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos, São Paulo

Certo dia, a Professora do Curso de Especialização em EJA do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) convidou todos nós alunos para visitarmos o CIEJA Campo Limpo. Eu não conhecia, ao procurar no mapa o endereço, percebi que ele fica a 2 km de minha casa.

No dia da visita, estava eu no local, imaginando o que podia ter naquele espaço que eu não conhecia ainda. Ao adentrar a rua do CIEJA, comecei a procurar uma escola grande, com seus enormes portões, cercado por suas grades e alguma identificação que mostrasse que ali era uma escola. Não encontrei. Ansioso, escutei a professora dizendo: chegamos! Quando olho para o espaço, não encontro os portões grandes, apenas uma porta aberta, os muros que imaginava, desapareceram, restando em meus olhos apenas as simples grades que separavam a escola do vizinho e a identificação que dizia: “Nóis é ponte e atravessa qualquer Rio”.

Entrando pelo corredor que leva ao “pátio” da escola, encontro apenas árvores, flores, pinturas e verdes, muito verde. Repentinamente, uma pessoa nos aborda, pensando ser a professora do local, se tratava de um aluno que, num belo sorriso, dizia “sejam bem-vindos à nossa casa”, fiquei a imaginar o que seria casa para aquele aluno, seria a casa onde ele pode ser o que ele quer? Seria a casa onde os sonhos dele ganham esperança? Seria a casa onde ele pode se alimentar? Seria a casa onde ele é acolhido sem discriminação, racismo ou preconceito? O que seria casa para aquele aluno?

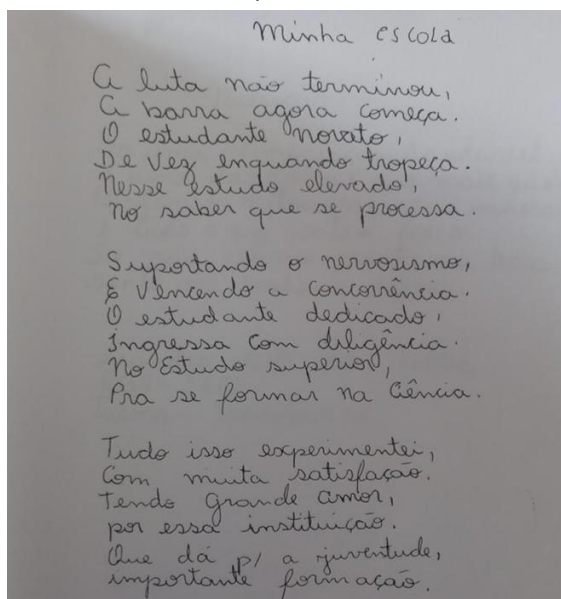
Aos passos lentos, fui adentrando o local e a cada espaço novo que descobria pulsava em meu coração o “esperançar” do qual Paulo Freire nos fala. As salas de aula, deram espaços para mesas redondas onde não tem o primeiro e nem o último, todos estão em círculo para mostrar que naquele espaço todos são bem-vindos e todos estão juntos no mesmo degrau. As salas de arte deram espaços para poemas, versos, camisetas e esculturas, linha e tricô, pichação e cartas escritas pelos próprios alunos. O refeitório, exibia com orgulho aquele que lutou pela educação popular, “Paulo Freire” e no seu desenho, o seu olhar direcionado para as janelas, mostravam que naquele local os sonhos voam livremente pelas janelas da imaginação.

Um espaço sem sinal, sem sinos, com horários adaptados à realidade dos alunos, encontrei nos corredores senhoras com seus netos segurando pela mão, pois naquela hora era o momento que ela tinha para ir estudar e naquele lugar seu neto era bem-vindo. Após os estudos, uma alimentação de um cheiro extraordinário que só perdia para o exalo de amor que pairava naquele lugar, porém, na fala da responsável pelo local uma esperança que acendia e apagava ao final de cada ano: “não sabemos quanto tempo permaneceremos aqui, este local é alugado pela prefeitura, ao final do ano eles podem renovar o contrato como pode pedir o fechamento. No começo do ano, estamos dotados de esperança, ao final, dotados de desespero, ao imaginar o que será dos alunos se o contrato não for renovado?”

Retornei para minha casa, ao final daquela visita, com um novo significado para a palavra EJEAR, palavra esta que venho construindo significados para ela, desde o início do meu percurso na Educação de Jovens e Adultos. O CIEJA é um EJAR de Acolhimento. EJA é acolher a cada um que chega sem muita coisa para oferecer, apenas a esperança de aprender a ler e escrever.

Guardo como uma relíquia preciosa este poema escrito por uma aluna do CIEJA que encontrei nessa visita:

Figura 7 - Poema escrito por uma aluna do CIEJA



Fonte: arquivo pessoal

Fonte: elaboração própria

Figura 8 - Arquivo Pessoal – Entrada do CIEJA em São Paulo



Fonte: arquivo pessoal

3.3. O Plano Nacional de Educação e a Educação de Jovens e Adultos

Com a eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva¹⁰ em 2003, a Educação de Jovens e Adultos volta a ter importância na trajetória política da sociedade Brasileira. Carreira (2014) nos traz grandes marcos para a EJA no governo popular: Instituição da CNAEJA – Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (2003); do Programa Brasil Alfabetizado (2003); do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica (2005); a inclusão da EJA no Fundeb – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais de Educação (2007); a criação do PAR – Plano de Ação Articuladas (2007) contemplando a EJA; o lançamento do PNLD-EJA – Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (2009); o reconhecimento da modalidade em vários programas do MEC que antes se restringiam ao ensino regular (Alimentação Escolar, Biblioteca Escolar, Acessibilidade, Transporte etc.) e o entendimento da alfabetização como parte da política de educação de jovens e adultos.

Nos governos que sucederam, a EJA novamente se estabilizou, tendo seu ponto crítico de desvalorização nos governos de 2016 a 2023.

¹⁰ Presidente da República Federativa do Brasil de 2003 a 2011.

Em 2014 durante o período de reeleição da Presidenta Dilma Rousseff¹¹, o Plano Nacional de Educação (PNE) completou-se 10 anos com sucessos e fracassos interligados a educação de jovens e adultos. A EJA foi contemplada nas metas, as quais se direcionam para a alfabetização, elevação da escolaridade, universalização do ensino e oferta da EJA integrada à Educação Profissional.

Ressaltamos dos itens contemplados, a universalização do ensino fundamental e a redução das desigualdades educacionais, cujos quais dialogam com este trabalho.

Na Meta da Universalização, as estratégias apresentadas pelo PNE foram:

3.10. Fomentação de programas para a população urbana e do campo, de jovens, na faixa etária de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos, e de adultos, com qualificação social e profissional para aqueles que estejam fora da escola e com defasagem no fluxo escolar.

4.12 Promover a articulação intersetorial entre órgãos e políticas públicas de saúde, assistência social e direitos humanos, em parceria com as famílias, com o fim de desenvolver modelos de atendimento voltados à continuidade do atendimento escolar, na educação de jovens e adultos, das pessoas com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento com idade superior à faixa etária de escolarização obrigatória, para assegurar a atenção integral ao longo da vida;

8.2 Implementar programas de educação de jovens e adultos para os segmentos populacionais considerados, que estejam fora da escola e com defasagem idade-série, associados a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização, após a alfabetização inicial (Brasil, 2014).

A meta da universalização teve como encorajamento o Programa Brasil Alfabetizado, mas não foi suficiente para que as metas fossem alcançadas. No lançamento do PNE em 2014 a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgou que a taxa de analfabetismo do país era de 8,3% para a população com 15 anos ou mais (13,2 milhões de pessoas). Ao analisarmos as pessoas idosas, a taxa nos acende um alerta, o índice de analfabetismo das pessoas com 60 anos ou mais é de 23,1% e dos 40 aos 59 anos de 9,2%. Ao findar os 10 anos do PNE, o IBGE nos traz outros índices, 7% da população, com idade acima dos 15 anos, ainda não sabe ler ou escrever, sendo a taxa de analfabetismo entre os indígenas de 16,1%, pretos 10,1% e pardos 8,8%, superando a dos brancos de 4,3%.

¹¹ Presidente da República Federativa do Brasil de 2012 a 2016.

É inquietante observar que o racismo institucional ainda se faz presente onde a abordagem no quesito socioeconômico dos negros e pardos os difere dos brancos. Contudo, a herança racista do período escravagista é uma das razões por esta diferença, onde os negros e pardos eram proibidos de estudar e tinha por função apenas de servir aos seus senhores brancos. A sociedade brasileira caminha vagarosamente na reparação desta herança imperdoável, através do sistema de cotas, contudo a oferta da Educação de Jovens e Adultos, não depende de cotas e sim de acesso e permanência. Em 2024 o Governo Federal lançou o Programa Pé de Meia (Lei 14.818/ 2024), que destina uma verba a criação de uma poupança para os alunos do ensino médio da rede pública com o objeto de garantir a permanência e a conclusão do ensino, tal programa atende aos alunos da Educação de Jovens e Adultos que estudam nas Instituições Federais e tem idade de 19 a 24 anos (Brasil, 2024). É louvável tal iniciativa, porém o maior índice de analfabetismo se encontra nas pessoas adultas acima dos 40 anos, idade esta que o Pé de Meia não atinge, e nos moradores das regiões periféricas e afastadas dos grandes centros urbanos, locais este que não tem Instituto Federais.

Não basta somente garantir as vagas para os alunos da EJA, é preciso garantir a permanência, o pé de meia alcançando todos os alunos, indiferente da idade, é de grande valia no combate ao analfabetismo, erradicação da evasão escolar e na garantia das condições de acesso e permanência.

O objetivo do PNE lançado em 2014 de erradicar o analfabetismo no Brasil, não foi atingindo ao seu findar em 2024, após uma década, apenas se diminuiu 1,3% do analfabetismo no Brasil, contudo é preciso ressaltar as interferências políticas acontecidas durante este tempo. Em 2014 quando o PNE foi lançado, se conciliou com a renovação do governo popular de Dilma Rousseff que sofreu um impeachment dois anos depois, resultando no governo de Michel Temer ¹²e consequente ao de Jair Bolsonaro¹³ totalizando 8 anos onde as políticas públicas educacionais estatizaram. Enfrentamos uma Pandemia Mundial e ao findar deste período, a EJA teve grandes retrocessos no financiamento, incentivo e valorização por parte do Governo Federal.

¹² Presidente da República Federativa do Brasil de 2016 a 2018.

¹³ Presidente da República Federativa do Brasil de 2019 a 2022.

3.4. Programa Brasil Alfabetizado

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) criado em 2003 visando promover a superação do analfabetismo do Brasil em todo o território nacional em regime de colaboração com o Distrito Federal, com os estados e municípios, tendo como atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, conta com ajuda de voluntários, preferencialmente professores da rede pública, que atuam como alfabetizadores, coordenadores de turmas ou tradutores-intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e recebem bolsas mensais, como um estímulo à sua ação alfabetizadora.

O seu último ciclo ocorreu em 2016, ano do impeachment de Dilma Rousseff, e foi retornado somente em 2024 através do Decreto n.º 11.822, assinado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, e incorporado ao Pacto Nacional de Superação do Analfabetismo e Qualificação de Jovens e Adultos.

O PNE dura 10 anos, em setembro de 2024 foi encaminhado ao Senado Federal o novo PNE (2024 – 2034), dentre os objetivos disponibilizados para a consulta pública no site do Governo Federal através do portal do Ministério da Educação e Cultura (MEC), consta apenas um objetivo se referindo a Educação de jovens e Adultos: “Assegurar a alfabetização e ampliar a conclusão da educação básica para todos os jovens, adultos e idosos” (Brasil, 2024). Erradicar o analfabetismo no Brasil ainda segue como meta inalcançada no Território brasileiro.

Se objetivo de universalizar o ensino fundamental da educação de jovens e adultos no PNE 2014 – 2024 não foi alcançado, o reflexo do não cumprimento perpétua na redução das desigualdades educacionais.

Dentre das Metas para a redução, destacamos a meta 09: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional. Tendo como estratégia:

- I. Assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na idade própria;

- II. Realizar diagnóstico dos jovens e adultos com ensino fundamental e médio incompletos, para identificar a demanda ativa por vagas na educação de jovens e adultos;
- III. Implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica;
- IV. Criar benefício adicional no programa nacional de transferência de renda para jovens e adultos que frequentarem cursos de alfabetização;
- V. Realizar chamadas públicas regulares para educação de jovens e adultos, promovendo-se busca ativa em regime de colaboração entre entes federados e em parceria com organizações da sociedade civil;
- VI. Realizar avaliação, por meio de exames específicos, que permita aferir o grau de alfabetização de jovens e adultos com mais de 15 (quinze) anos;
- VII. Executar ações de atendimento ao (à) estudante da educação de jovens e adultos por meio de programas suplementares de transporte, alimentação e saúde, inclusive atendimento oftalmológico e fornecimento gratuito de óculos, em articulação com a área da saúde;
- VIII. Assegurar a oferta de educação de jovens e adultos, nas etapas de ensino fundamental e médio, às pessoas privadas de liberdade em todos os estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e das professoras e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração;
- IX. Apoiar técnica e financeiramente projetos inovadores na educação de jovens e adultos que visem ao desenvolvimento de modelos adequados às necessidades específicas dos alunos;
- X. Estabelecer mecanismos e incentivos que integrem os segmentos empregadores, públicos e privados, e os sistemas de ensino, para promover a compatibilização da jornada de trabalho dos empregados e das empregadas com a oferta das ações de alfabetização e de educação de jovens e adultos;
- XI. Implementar programas de capacitação tecnológica da população jovem e adulta, direcionados para os segmentos com baixos níveis de escolarização formal e para os (as) alunos (as) com deficiência, articulando os sistemas de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, as universidades, as cooperativas e as associações, por meio de ações de extensão desenvolvidas em centros vocacionais tecnológicos, com tecnologias assistivas que favoreçam a efetiva inclusão social e produtiva dessa população;
- XII. Considerar, nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos, com vistas à promoção de políticas de erradicação do analfabetismo, ao acesso a tecnologias educacionais e atividades recreativas, culturais e esportivas, à implementação de programas de valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiência dos idosos e à inclusão dos temas do envelhecimento e da velhice nas escolas (Brasil, 2024).

Contudo, a Meta 08 nos embasa a uma reflexão; Meta 08: elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Conforme o IBGE, dentre os índices de analfabetismo no Brasil, destaca-se a região Nordeste com 14,2%, seguida do Norte com 8,2%, Centro-Oeste com 5,1%, sudeste atinge a marca de 3,9%, encerrando com o Sul com sua marca de 3,5% de analfabetismo. Comparamos que a região do Nordeste ultrapassa a marca de todo o território brasileiro, ao compararmos que na região do Nordeste se encontra o maior percentual de Pessoas pretas na população brasileira, segundo o Censo de 2022, podemos concluir que nestes estados que compõem essa região, o governo deve ter um pouco mais de atenção. Ressaltamos que na história brasileira, a Região Nordeste do Brasil foi um dos principais pontos de chegada dos navios negreiros durante o tráfico transatlântico de africanos escravizados. Os portos nordestinos, especialmente os de Salvador (Bahia), Recife (Pernambuco) e São Luís (Maranhão), foram algumas das principais portas de entrada para milhões de africanos trazidos à força para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. Podemos concluir que ainda temos descendentes de escravos analfabetos no Brasil, sem acesso à escola, sem direito a educação, que sofrem o período escravagistas que não se findou, são homens e mulheres negros que vivem escravos de um regime socioeconômico que os obriga abandonar a escola, assumir a condição de analfabetos e serem escravos analfabetos de seus patrões.

4. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

4.1. Narrativa da Sônia

*“Eu sou o passageiro
Eu rodo sem parar
Eu rodo pelos subúrbios escuros
Eu vejo estrelas saindo no céu
É o claro e o vazio do céu
Mas essa noite tudo soa tão bem”¹⁴*

Conforme relato no memorial no início desta dissertação, em 2018, após 4 anos afastados das Salas de aula, ao retornar, minha primeira turma e a primeira aula foi na EJA. Ao adentrar os portões do colégio, percebi que as paredes deram lugares as grades, os portões aos cadeados e as salas da EJA se encontravam ao final do corredor, numa sala comum, onde no período vespertino era usado por alunos do Ensino Fundamental. É necessário destacar que o sentimento de pertença que atravessa o coração desses jovens e adultos, ao retornar para a escola, podem ser frustrados ao serem acolhidos num local onde o espaço cedido para eles muitas vezes se contradiz com a sua vivência e realidade. Numa sala de aula de alunos do Ensino Fundamental, as carteiras são incompatíveis para os adultos, os cartazes nas paredes com desenhos e alfabetos não fazem parte do projeto pedagógico da EJA, as mesas do refeitório são desconcordantes com as suas estaturas. Se faz necessário um espaço acolhedor e compatível com o público de adultos, para que, ao retornarem aos bancos escolares, se sintam pertencentes ao espaço que é deles por direito, se faz essencial que sejam acolhidos pela equipe pedagógica e inseridos no ambiente educacional.

Ao trilhar pelos corredores do colégio, as falas dos alunos, o sinal tocando, a pintura milimétrica nas paredes, foram me recordando que é nesse espaço que quero estar e habitar. Os passos que fui trilhando fizeram com que o coração fosse sendo pautado.

Minha primeira aula naquela noite fria de maio de 2018, foi na turma da 2ª Série do Ensino Médio da modalidade EJA Regular¹⁵. Ao adentrar a sala, as histórias foram se

¹⁴ Música “O Passageiro” composta pelo cantor americano Lggy Pop e cantada pela Banda Brasileira Capital Inicial, 1991.

¹⁵ A Educação de Jovens e Adultos (EJA) em São Paulo é dividida em diferentes modalidades, como o EJA Regular, o EJA Modular e o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA).

entrelaçando com os sonhos descritos por cada um, nos seus olhares a esperança se tornava viva e os conhecimentos foram compartilhados. A partir da realidade daquela sala heterogênea, onde as idades eram percorridas de 18 a 75 anos. Durante aquela semana, a cada aula, o sentimento ia se perpetuando e se dialogando com os ensinamentos que eram administrados.

Na semana seguinte, todas as emoções da primeira aula, do primeiro dia, da primeira turma se perderam ao perceber que uma aluna não compareceu. Ao indagar sua colega de sala, ela me informou que havia desistido tendo como motivo um desafio encontrado junto à equipe gestora. Desse relato, escrevo a narrativa abaixo, onde retrato um dos desafios da EJA: a não permanência dos alunos.

Quadro 2 - A não permanência dos alunos na EJA

A aula começa às 19h. Sônia trabalha a 25km da escola numa casa de família na região de classe média alta na cidade de São Paulo. Sua escola fica na zona periférica da cidade. Ela é oriunda da Região do Nordeste, não teve a oportunidade de concluir o ensino básico, pois teve que trabalhar ainda criança.

Imigrou-se para São Paulo com o desejo de conseguir oportunidades. Conseguiu o emprego e a possibilidade de terminar sua formação escolar através da EJA. Sônia terminava seu trabalho às 18h, não conseguia chegar ao colégio às 19h, chegava sempre às 19h15.

A gestora da unidade escolar não permitiu os atrasos de Sônia. Eu não fiz nada para ajudar Sonia a lutar pelos seus direitos. Sônia desistiu. Seu sonho fracassou. Sonia foi novamente excluída por 15 minutos.¹⁶

Fonte: elaboração própria

4.2. O Desafio de permanecer na EJA

EJA regular: A modalidade mais tradicional, que acontece no período noturno, com 4 horas de aula por dia, cinco vezes por semana. A formação é dividida em quatro etapas, cada uma com 200 dias letivos. EJA modular: Uma opção mais flexível, com módulos independentes e não sequenciais, que podem ser feitos de forma separada. As aulas acontecem cinco vezes por semana, com 2h15m de duração, e há também atividades optativas de 1h30.

CIEJA: O atendimento é feito em três períodos, manhã, tarde e noite, em até seis turnos diários. As aulas têm 2h15m de duração, cinco vezes por semana.

¹⁶ Fonte: Acervo Pessoal: Narrativa Produzida na aula “Memórias, Narrativas e Formação de Professores” do Curso de Mestrado Profissional da Unicamp, proposta pela Profa. Liana, intitulada “Motivo da Minha Pesquisa de Mestrado”.

Com a Sônia, vivenciei a experiência que me fez querer entender o problema da não permanência dos alunos na EJA. A evasão é apontada por inúmeros motivos, principalmente trabalhos e família, contudo a ausência de Políticas Públicas de Permanência é um sumiço significativo na perspectiva da EJA que ocasiona aumento dos índices de evasão escolar. No fato ocorrido com a Sônia, o desconhecimento da gestora escolar de uma política que garantisse sua chegada com 15 minutos de atraso, ocasionou sua desistência. Arroyo (2017) no livro “Passageiros da Noite do Trabalho Para a EJA: Itinerários pelo direito a uma vida justa”, nos faz uma reflexão sobre a batalha diária que os alunos da EJA enfrentam:

Quem são os que com eles esperam nas filas? A que grupos sociais, raciais, sexuais pertencem? Aqueles/as que esperam nas filas – os passageiros do fim do dia e do início da noite – não são aqueles/as que se deslocam nos carros para o trabalho, para as faculdades ou para as casas – homens, mulheres, brancos/as das classes médias, altas. São outros sujeitos e outros deslocamentos. Vem de outros trabalhos, e não se deslocam para completar percursos escolares e humanos truncados. As pessoas adultas, jovens ou adolescentes nas filas à espera de ônibus vêm também do trabalho, mas de outros trabalhos e de jornadas longas, cansativas. As diferenças de percursos humanos, de trabalhos e de transporte revelam percursos sociais, raciais, de classes diferentes. Identidades sociais, raciais diferentes. São os mesmos passageiros do amanhecer. Bem cedo, se deslocaram dos bairros e das vilas para o trabalho nos “bairros-bens” como domésticas ou pedreiros, serventes, limpadores/as de ruas, de escritórios, ou como serventes nas escolas, nos espaços públicos. Passageiros/as do amanhecer do início do dia para, no fim de tarde, no início da noite, irem para a EJA. Uma modalidade de educação para os diferentes em percursos sociais e humanos (p. 22-23).

O referido autor destaca com clareza que os estudantes da EJA enfrentam suas dificuldades na busca pelo conhecimento desde o início do dia até sua chegada na sala de aula no período noturno. Suas trajetórias diárias não podem ser desmerecidas pelos Educadores e pelas unidades Escolares. Desconsiderar a rotina do aluno da EJA, seu trabalho, sua história de vida e sobrevivência é promover de maneira ainda que discretamente uma nova exclusão em sua vida, é a não garantia do direito a educação, é proibir que o aluno da EJA possa descobrir sua identidade, é não promover uma educação libertadora, mas reprimida, carcerária, discriminatória.

Assim como Sônia, muitos alunos da EJA tiveram sua trajetória escolar encurtada por problemas econômicos e sociais, sejam nas grandes capitais ou cidades pequenas, nas zonas urbanas ou rurais.

Garantir uma política pública de permanência é garantir a todas “Sônia” espalhadas pelas EJAs do Brasil o direito à educação, é promover, assim como Paulo Freire (2022a) ressalta, uma educação que tem como processo libertador, acontecendo dentro e fora da escola.

Sônia desistiu, com ela foi embora seus sonhos, seu desejo de uma vida justa e a sua busca por direitos sociais. A sociedade a excluiu uma vez, por não ter um diploma, e novamente a Escola a excluiu, por não ter a empatia de entender e compreender que Sônia, é uma aluna trabalhadora que sobrevive na grande cidade com o suor de sua luta diária para garantir o sustento de sua família. A realidade de Sônia se entrelaça nas histórias de tantos alunos da EJA que se evadem por não serem compreendidos no espaço escolar onde habitam. São pais e mães trabalhadores que buscam no retorno a Escola a garantia de uma melhor colocação no mercado de trabalho, a superação de suas deficiências escolares, que muitas vezes os impedem de progredir e/ou subir na carreira profissional. São homens e mulheres, que mais do que buscar um diploma, buscam o direito a uma vida justa, a participação na sociedade e o reconhecimento como sujeitos de direitos. Relembro com memorável alegria quando uma aluna me disse “professor, eu quero aprender a ler o letreiro do ônibus”. Sim, esses são os alunos da EJA, buscam realizar o sonho de assinar o documento, de ler os folhetos do mercado ou simplesmente o letreiro do ônibus.

Arroyo (2017) utiliza o ponto de ônibus, para exemplificar a luta diária desses alunos da EJA, me permita utilizar este exemplo para argumentar que muitos deles embarcam nesses ônibus que têm como destino “Sonho”. Sonhar é o desejo vivido por tantos alunos da EJA. Sonhar em ler e escrever. Sonhar em fazer contas de matemática. Sonhar em ser exemplos para seus filhos e netos. Sonhar em ter uma vida justa, fraterna e social. Sonhar em poder votar com dignidade. Sonhar em ser pessoas livres. Sonhar em superar posições desmerecidas na sociedade. É esse sonho que eu, juntamente com a EJA, sonho com Paulo Freire (2022c, p. 122):

Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa em vez de mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação

do “eu me maravilho” e não apenas do “eu fabrico”. A da vitalidade em vez daquela que insiste na transmissão do que Whitehead chama de *inert ideas*: “Ideias inertes, quer dizer, ideias que a mente se limita a receber sem que as utilize, verifique ou as transforme em novas combinações”.

Não há nada que mais contradiga e comprometa a emergência popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação.

Vale dizer, uma educação que, longe de se identificar com o novo clima para ajudar o esforço de democratização, intensifique a nossa inexperience democrática, alimentando-a.

Esses sonhos que emprestei meus ouvidos para escutá-los durante minha caminhada pelo chão da sala de aula da EJA, é o sonho que todo professor comprometido com a Educação de Jovens e adultos deve sonhar. Mudar a realidade social dos seus educandos.

“Sonhar não é um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não sonho sem esperança (Freire, 2022 p.126)

Me considero após a vivência com a Sonia e a convivência com meu Grupo de Pesquisa do GEPEJA e minha passagem pelo Mestrado Profissional da Unicamp como um Educador com o desejo de sempre “ESPERANÇAR”¹⁷.

4.3. O preconceito social com a EJA

É inquietante ao observar que a maioria das escolas que oferece a Educação de Jovens e Adultos se concentram nas periferias das cidades e/ou regiões afastadas dos grandes centros urbanos. Se perpetua ainda uma discriminação social perante o público da EJA, de alunos pobres, negros, favelados que sobrevivem com auxílio de governo. O Rosto da EJA no Brasil é o rosto da discriminação social, quando observamos quem é a EJA atual, ela é a EJA Carcerária, Quilombola, Transexuais, Idosa, Mulheres e

¹⁷ Termo utilizado no GEPEJA, ao referir a Esperança como uma ação e não como substantivo.

Refugiados. Este é o público menosprezado pelas classes elitistas e capitalistas da sociedade. A educação de Jovens e Adultos deve ser uma educação que proporcione e incentive seus alunos a se posicionarem perante a sociedade que os exclui e que os menospreza, que olha para eles como serviçais e não como seres humanos constituídos de direitos. A luta da EJA, não é apenas educacional, mas é sobretudo a mudança de objeto para sujeito. Relembro da Aula da Professora Sandra Leite na Disciplina Política Educacional cursada durante o Mestrado Profissional, quando a educadora diz “a EJA não é o quartinho do fundo, onde depositamos tudo aquilo que não nos serve. Ela é luta. É resistência. É Educação”

Um ponto considerável no entendimento da EJA é a resenha entre oferta e demanda, pois, embora tenha alcançado amplos segmentos da população, a ampliação da oferta de vagas nas escolas não foi acompanhada de melhorias nas condições do ensino, fato que, associado às condições desfavoráveis de vida de um número importante de pessoas, contribui para produzir experiências de fracasso, repetência e abandono. Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) definem esse quadro

como um novo modo de exclusão educacional, no qual as pessoas são excluídas não mais por ausência de vagas, mas por ingressarem nas escolas e não obterem aprendizagens exitosas, sendo, portanto, excluídas antes mesmo de finalizar um nível de ensino (p.69).

A nova exclusão imposta na EJA, nos retrata a sua juvenilização. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos determinam que a idade inicial para matrícula em cursos de EJA é a de 14 (quatorze) anos completos para o Ensino Fundamental e a de 17 (dezessete) anos para o Ensino Médio.¹⁸ Num estudo realizado por Souza Filho (2021) relata que não é o trabalho o principal motivo dos jovens migrarem para a EJA e sim as práticas pedagógicas das Escolas onde os alunos estão inseridos, consoante a pesquisa, dos alunos que migraram para a EJA

40% de alunos eram mantidos por pais ou parente; 24% eram freelances e realizavam trabalhos considerados “bico”, ou trabalhadores do comércio informal; 21% eram trabalhadores registrados formalmente em empresas, o que significa serem alunos provedores do sustento das famílias; 10% eram trabalhadoras em casa de família, compondo o quadro de empregada doméstica; e 5% eram de jovens aprendizes”(p.78).

¹⁸ Parecer CNE/CEB nº 11/2000 e Resolução CNE/CEB nº 1/2000.

As práticas pedagógicas, o sistema como esses alunos são tratados pela gestão escolar, reprovação e não compreensão podem ser motivos que os levam abandonar o Ensino Regular e migrarem para a EJA. Outro dado importante da pesquisa é sobre os alunos trabalhadores que frequentam a EJA, segundo a pesquisa ainda, os alunos trabalhadores apresentam muitas dificuldades no acompanhamento das aulas, seja pelo cansaço, sono ou a falta de coragem para ir à escola, levando muito deles a abandonarem intitulado pelo velho clichê “ou trabalha ou estuda”.

4.4. Preconceito com o aluno da EJA

Recordo do meu pré-conceito vivenciado com um aluno da EJA, descrito na narrativa no Quadro 3.

Quadro 3 - Preconceito vivenciado com um ano da EJA

Numa das primeiras semanas de aula, naquela turma da EJA. Ao adentrar a sala de aula, a disposição das carteiras permanecia a mesma. Cada aluno no seu lugar rodeado de suas amizades. Me chamou atenção um aluno no fundo da sala, de grande estatura, com seu boné cobrindo metade de seu rosto, onde utilizava a carteira como um balanço.

Realizei a chamada e repliquei alguns exercícios na lousa. Quase todos começaram a fazer atividade, contudo Vitor¹⁹ ficava me olhando. Percebendo aquele olhar recôndito, por debaixo do boné, fui lentamente me aproximando. Vitor exalava o cheiro de cigarro proibido. Por um momento, o pré-conceito invadiu todo o meu pensamento, falando mais alto do que meu desejo de ensinar. Contudo, algo dentro de mim dizia: Acolha-o. Então, puxei uma cadeira, sentei-me ao seu lado e disse-lhe: vamos fazer o exercício? Ele me respondeu com um sorriso simples no seu rosto, dizendo que não sabia como começar. Em seguida, tomei seu lápis em minhas mãos e expliquei o começo do exercício.

Ao sair de sua presença, a fim de ajudar os demais alunos da sala, observava Vitor abaixando e escrevendo em seu caderno. Ao final da aula, mostrou o exercício todo resolvido e disse-me: Já entendi essa “parada” professor. Com um sorriso retribuí dizendo “fico feliz por você Vitor”.

No decorrer das demais aulas, Vitor se tornou meu ajudante. Era o primeiro aluno a terminar as atividades e me ajudava para com seus demais colegas. Vitor precisava apenas ser compreendido, sem julgamento, sem rótulos, sem bandeiras, sem discriminação.

Fonte: elaboração própria

¹⁹ Nome fictício.

O preconceito aos alunos da EJA, sobretudo aos analfabetos, se propaga desde a sociedade, invadindo os corredores das escolas, não se trata de preconceito apenas por questão social, mas é preconceito à sua humanidade, à sua classe social, a sua origem e a sua bagagem histórica. Me recordo com vergonha da narrativa acima, sobretudo se tratando de um professor negro ao qual enfrentou as marcas do racismo, mas recordo com a esperança da aprendizagem de como este momento vivenciado me transformou e me fez gerar uma nova prática pedagógica dentro da sala de aula, não seria este objetivo principal deste trabalho, de se fazer uma reflexão autobiográfica e a partir dela gerar uma nova práxis?

É preciso que essa nova práxis se perpetue onde os alunos da EJA ainda enfrentam preconceitos. A maioria deles, sobretudo os analfabetos, são oriundos do campo, das zonas rurais, gerado no seio de famílias numerosas e muito pobres, cujo alimento necessitou da sua mão de obra, fazendo-o deixar o estudo no segundo plano, como vivenciado por minha bisavó na sua trajetória e descrito pelo meu memorial. O Adulto analfabeto se envergonha da sua condição, recordo algumas vezes, quando na fila do mercado, o caixa olhava para minha avó e dizia o valor, ela num gesto delicado e envergonhado, retirava o dinheiro do bolso, olhava nos meus olhos e me entregava como quem queria dizer: “não sei o que isso significa, veja se esse dinheiro dá para pagar”.

São situações vivenciadas por eles de discriminação e humilhação, vividas com grandes sofrimentos e por vezes acompanhadas por sentimento de culpa e vergonha. Quando minha avó ia pegar o ônibus, acompanhávamos até o ponto, dávamos sinal e dizia para o motorista “pare para ela no ponto da sabap²⁰”, no retorno para casa, por vezes sempre voltava a pé, pois não sabia ler o letreiro do ônibus e preferia retornar andando.

Quando se rouba do ser humano o direito de ler e escrever, condicionando-o à condição de analfabeto, automaticamente rouba-o dele o direito de ir e vir, lhe tira a condição de sujeito da sociedade, lhe obriga a viver como humilhado e determina para ele a condição de sem voz, vez e lugar. Os adultos analfabetos, que sofrem as dores do preconceito, não conseguem observar que não são os culpados da condição em que

²⁰ Nome do Local localizado na cidade de Guaratinguetá, onde o ônibus circular da cidade realizava uma parada.

vivem, não têm consciência da violação dos seus direitos educativos, diferente de José, um adulto analfabeto que mora em São Paulo, conforme seu relato:

Logicamente, a educação é um direito, não é privilégio. Mas esse direito foi negado desde que a gente nasceu". Hoje em dia, se a gente parar e pensar, está sendo um privilégio. (...). Isso é revoltante. (...). Eu continuo sendo analfabeto até hoje. (...). Eu nunca fui para uma escola do governo estudar. (...). Então, o que eu posso dizer de um país desse? Dizer que eu tenho orgulho de ser brasileiro? Não. (...). Tem que acabar com isso. Os direitos são iguais. Onde termina o direito de um, começa o direito do outro. E a gente, aprendendo a respeitar os direitos dos outros, está fazendo prevalecer o da gente. (José, nascido em Feira de Santana, Bahia, vive em São Paulo) (Apud por Vóvio, 1999, p. 177.)

Chico Buarque²¹, em sua canção "A bordo do Rui Barbosa" (1981), retrata como o analfabeto, após o constrangimento e a vergonha, esconde a sua condição e recorre a algumas estratégias.

A bordo do Rui Barbosa

Chico Buarque de Hollanda

*A bordo do Rui Barbosa
O marinheiro João
Chamou seu colega Cartola
E pediu
Escreve pra mim uma linha
Que é pra Conceição
Tu é anarfa? disse o amigo
E sorriu com simpatia
Mas logo depois amoitou
Porque era anarfa também
Mas chamou Chiquinho
Que chamou Batista
Que chamou Geraldo
Que chamou Tião
Que decidiu
Tomou copo de coragem
Copo e meio
E foi pedir uma mãozinha
Para o capitão
Que apesar de ranzinza
É homem bem letrado*

*No barraco Boa Vista
Chegou carta verde
Procurando "Conceição"
A mulata riu
E riu muito
Porque era a primeira vez
Mas logo amoitou
Conceição não sabia ler
Chamou a vizinha Bastiana
E pediu
"Qué dá uma olhada
Que eu tô sem óculos
Num xergo bem
"Bastiana também sofria da vista
Mas chamou Lurdinha
Que chamou Maria
Que chamou Marlene
Que chamou Yayá
Estavam todas sem óculos
Mas Emília conhecia
Uma tal de Benedita
Que fazia o seu serviço
Em casa de família
E tinha uma patroa
Que enxergava muito bem*

²¹ Chico Buarque de Hollanda: Cantor, compositor, escritor, dramaturgo, é um dos principais artistas brasileiros. Além disso, é uma personalidade intelectual e atuante na política. Tido como um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira (MPB), compôs inúmeras canções importantes, muitas delas com críticas e denúncias sociais.

*É homem de cultura
 E de fina educação
 Pois não
 Assim fez o velhinho
 Por acaso bem disposto
 Bem humorado
 Bem remojado
 Às custas de uma velhinha
 Que deixara lá no cais
 E João encabulado
 Hesitou em ir dizendo
 Abertamente assim
 O que ia fechado
 Bem guardadinho
 No seu coração
 Mas ditou...
 E o capitão boa gente
 Copiou com muito jeito
 Num pedaço de papel
 "Conceição..."*

*Mesmo a olho nu
 E não houve mais problemas
 A patroa, boa gente
 Além de fazer o favor
 Achou graça e tirou cópia
 Para mostrar às amigas
 Leu pra Benedita
 Que disse à Emília
 Que disse à Yayá
 Que disse à Marlene
 Que disse à Maria
 Que disse à Lurdinha
 Que disse à Bastiana
 Que disse sorrindo
 À Conceição
 O que restou do amor
 O que restou da saudade
 O que restou da promessa
 O que restou do segredo de João
 Conceição
 Eu ti amo muito
 Eu tenho muita sodeade
 E vorto assim que pudé
 de João*

4.5. Combater o preconceito

Combater o preconceito enfrentado pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é fundamental para criar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor. Tal preconceito pode ser combatido a partir de algumas estratégias adotadas:

- I. **Sensibilização e Formação de Professores:** Propor reflexões e ações para os educadores ressaltando a importância da Educação de Jovens e Adultos, podem contribuir a criar um ambiente acolhedor, amoroso e empático.
- II. **Campanhas de Conscientização:** Realizar campanhas dentro e fora da escola para informar a comunidade sobre a importância da EJA e desmistificar estigmas associados a ela, como palestras, debates e eventos culturais.
- III. **Valorização da Experiência dos Alunos:** Promover espaços onde os alunos possam compartilhar suas histórias e experiências. Isso ajuda a humanizar os alunos da EJA e a mostrar que eles têm muito a contribuir. Relembro de uma experiência vivenciada num colégio de EJA, onde promovíamos a

Feira do Empreendedor, onde os alunos da EJA levavam os seus produtos para serem expostos e vendidos. Nesta feira, tínhamos desde artesanatos até frutas, legumes e verduras.

- IV. Socialização com a Comunidade: Envolver a comunidade local em atividades escolares, promovendo um diálogo aberto sobre a EJA e suas contribuições. Isso pode ajudar a reduzir preconceitos e promover a aceitação.
- V. Adaptação do Currículo: Desenvolver um currículo que reflita a diversidade dos alunos e suas realidades. Isso pode incluir temas que abordem questões sociais, culturais e econômicas relevantes para os alunos da EJA, conforme relato acima da minha experiência no CIEJA São Paulo.
- VI. Promoção de Atividades Culturais e Artísticas: Incentivar a participação dos alunos em atividades culturais, artísticas e esportivas, que podem ajudar a construir um senso de comunidade e pertencimento. Ressalto uma experiência vivenciada na cidade de Campinas de um sarau de EJA promovido por alguns colegas professores envolvendo todos os alunos.
- VII. Políticas Públicas: Advocacia por políticas públicas que promovam a inclusão e, sobretudo, o respeito à diversidade, acolhendo a todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual, religiosa ou política, garantindo que os direitos dos alunos da EJA sejam respeitados e protegidos.
- VIII. Valorização do Professor: Promover políticas de incentivo e plano de carreira aos professores que lecionam na Educação de Jovens e Adultos, incentivando-os a serem comprometidos com a EJA.

Essas estratégias podem ajudar a combater o preconceito e a promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso para os alunos da EJA, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Me recordo do papel principal do professor da EJA, o de acolhedor, neste sentido, Rodrigues (2009) é categórico ao afirmar que afetividade deve fazer parte da docência:

Dessa forma, na EJA, o falar e o escutar devem ser valorizados igualmente. O educador não deve achar que é dono da verdade falando para o educando, mas, sim, com ele. Isso só acontece quando o educador sabe escutar e abre espaços para questionamentos e para opinião do educando, ou seja, para um diálogo aberto que valorize os saberes desses indivíduos que voltam à escola cheios de expectativas, ainda que marcados pela exclusão e sentidos diminuídos.

Nesse contexto, afetividade deve fazer parte da docência, não no sentido de tudo permitir, de não impor limites, de não interferir no processo de formação. Mas deve existir um amor do educador pelos seus alunos a ponto de querer que eles desenvolvam, apropriem do conhecimento científico e adquiram autonomia.

Assim, as questões colocadas por Freire podem levar os profissionais que atuam na EJA a refletirem acerca de sua prática pedagógica e, se necessário, modificá-las no que for preciso, a fim de garantir a esses jovens e adultos que, ao fim de sua escolarização, atinjam os objetivos da escola (p.175)

Poderia terminar aqui este estudo com base nessa fala desse autor, principalmente no último parágrafo, pois dentre os meus objetivos ao adentar o mestrado, este último parágrafo, se compactua com a minha realidade.

Ao olhar para minha prática enquanto professor da EJA, se fez necessária uma reflexão, que durante a minha trajetória do MP, pude aperfeiçoá-la e retornar para as salas de aula com o desejo de ser Revolução e transformar os alunos em seres revolucionários.

Neste sentido, compactuo com a fala de Soares (2002, p. 114):

Com a maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim, esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista, e sim um docente que se nutre do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer.

5. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DA EJA.

5.1. Narrativa da aula de Física

As práticas pedagógicas do Professor da EJA devem ser fundamentais na contribuição para que a permanência do aluno aconteça.

Trago uma narrativa construída numa das disciplinas do Mestrado Profissional, onde pude refletir sobre minha prática e vivência dentro da EJA.

Quadro 4 - Minha prática e vivência dentro da EJA

Após uma semana do início das aulas na turma do 2º ano da EJA, resolvi explorar o conceito de Dilatação e as Leis de Newton com os alunos. Preparei uma aula com dedução da fórmula, como costumava administrar para os alunos do regular.

Minhas aulas aconteciam na sexta-feira à noite. Cheguei animado para demonstrar as fórmulas na lousa. Após os 30 minutos de aula e ao terminar a demonstração, percebi que toda a sala não havia entendido o que eu acabara de fazer. Sai da aula decepcionado com minha prática pedagógica, achando que realmente a EJA era formada por pessoas “burras”, como alguns colegas do magistério relatava.

No final de semana, aquela situação me incomodou, pensava eu que não podia passar despercebido na vida daqueles alunos, nem podia fingir de ensinar e eles de aprender. Durante o início da semana, fui observando na sala dos professores e na gestão escolar, como aquela turma da EJA era discriminada e excluída do colégio. Eu, como Professor Negro, fui criando mais empatia pelos alunos, talvez porque já tinha sentido o peso da discriminação.

Na segunda semana após a minha frustrada aula, os alunos não compareceram. O sentimento de frustração aumentou. No final de semana seguinte, enquanto pesquisava alguns arquivos no computador, encontrei umas fotos de feira de ciências que realizava com os alunos do Ensino Regular, resolvi então, trabalhar experimentos para ensinar os conceitos da Física para aqueles alunos da EJA.

Na aula seguinte, eles puderam pela primeira vez ir em um laboratório. Realizamos o experimento da produção de Gás Hidrogênio + Calor, o que resultava numa explosão. “Que atividade Fantástica, professor”; “Nunca tinha ido num laboratório. Estou muito feliz”; “Agora entendi, professor, quando o senhor explicou sobre a densidade”; “Professor, é por isso que uso soda caustica para desentupir a pia de casa”. Essas foram as falas dos alunos após aquela aula. Aprenderam de maneira significativa o conceito e eu compreendi que a Educação de Jovens e Adultos precisa de empatia, respeito e experiências para poder ensinar²².

Fonte: elaboração própria

5.2. O professor da EJA

Rodrigues (2009) traz uma reflexão sobre o papel do Professor-Aluno da EJA:

²² Fonte: Acervo Pessoal: Narrativa Produzida na aula “Memórias, Narrativas e Formação de Professores” do Curso de Mestrado Profissional da Unicamp, proposta pela Profa. Liana intitulada “Desafio da Minha Carreira de Professor”.

Uma vez que o homem se torna consciente de seu inacabamento por meio de suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo, entendemos que a educação somente se realiza a partir da interação entre os seres humanos. Esta é a proposta de Freire, uma educação problematizada que, ao contrário da “educação bancária”, com seus depósitos de conteúdo, faça-se com base no respeito mútuo entre educador e educando. Uma educação em que haja comunicação entre o educador e o educando e não apenas comunicados e discursos feitos por “aqueles que detêm o saber” e recebidos passivamente por “aqueles que nada sabem (Rodrigues, 2009, p.80).

O autor utiliza Paulo Freire para arrematar o diálogo entre o professor e o educando como a base para um ensino significativo para os seus alunos. O professor jamais pode ignorar que seus alunos da EJA são pessoas que carregam consigo bagagens históricas e conceituais. Um aluno da EJA Rural entende perfeitamente de Geografia e Biologia, pois faz parte da sua realidade o cultivo da terra, a plantação e a agronomia. O aluno que trabalha como motoboy nas ruas das grandes cidades entende perfeitamente de distância, cálculos e metragens. A aluna idosa poderia dialogar sobre histórias, trazendo na sua memória as vivências que ela presenciou. Inquestionavelmente, o diálogo entre o educador e o educando, principalmente o respeito para os conhecimentos prévios que o aluno da EJA traz consigo para sala de aula, é fundamental para que a educação se concretize. O professor da EJA deve superar seus próprios preconceitos, aprender como o seu aluno e ser humilde. A humildade é com certeza uma das condições para que o diálogo entre o professor e o aluno se realize. “Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim”? (Freire, 2022b, p. 111)

5.3. Formação do professor da EJA

Durante o Mestrado Profissional, no decorrer do ano de 2024, fui contemplado pela Faculdade de Educação da UNICAMP com a oportunidade de participar do PED (Programa de Estágio Docente) na disciplina de Políticas Públicas Educacionais com o Professor Dr. José Neto Quibão, ao qual agradeço a oportunidade. Professor Neto, durante as aulas do semestre, de maneira empática, convidou-me para conversar com os alunos da disciplina sobre a EJA. A roda de conversa aconteceu no final do segundo semestre, a turma era composta por alunos da Licenciatura em Biologia. Ao realizar a preparação das aulas, consultando a grade curricular de alguns Cursos de Licenciatura

da Unicamp (Biologia, Matemática, Física e Pedagogia), constatei que somente o Curso de Pedagogia tem a disciplina de Educação de Jovens e Adultos. É inquietante observar essa lacuna na formação do professor e perceber que a EJA não é vista como componente curricular nos cursos de licenciatura. Durante minha trajetória da Graduação, o primeiro contato que tive com a EJA foi participando dos grupos de ACIEPE, conforme relato no memorial acima, contudo os grupos não faziam parte do Currículo da licenciatura.

Di Pierro e Graciano (2003) contribuem para compreendemos as falhas na formação dos Professores que atuam na EJA, de acordo com as autoras “os professores que lecionam para a EJA são em suas maiorias os mesmo que leciona para as crianças e os adolescentes no ensino regular, que utilizam de sua experiência no infantil e fundamental para administrar suas aulas na EJA” (p.23). No mesmo sentido, elas concluem:

(...) em geral, à docência em turmas de educação de jovens e adultos é utilizada para complementar em período noturno a jornada de trabalho dos docentes que atuam com crianças e adolescentes no período diurno. (p.23)

A Resolução do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica, n.º 01 de 28 de maio de 2021, onde Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância, estabelece:

O Sistema Nacional Público de Formação de Professores deverá estabelecer políticas e ações específicas para a formação inicial e continuada de professores de Educação Básica de jovens e adultos, bem como para professores do ensino regular que atuam com adolescentes, cujas idades, extrapolam a relação idade-série, desenvolvidas em estreita relação com as Universidades Públicas e com os sistemas de ensino (Brasil, 2021).

As legislações atuais na formação do professor são baseadas nos marcos e dispositivos legais, todos eles asseguram o direito, a qualidade, a permanência, a cobertura, contudo isso ainda não é suficiente, isso nos orienta numa formação de professores críticos, que leva a realidade, que se formulem políticas a partir da realidade que perpassa pelos alunos, tendo um olhar sensível para a cultura, arte, solidariedade e equidade. A formação do professor precisa ser progressista, pensar o mundo a partir de

outro local, criando processos de conscientização que acontece a partir do diálogo, seja com pessoas diferentes respeitando-as, mas sobretudo com a práxis, ela é a forma do professor interagir com o ser sujeito crítico, sensível, emancipador.

Todos os que estão no território escolar, desde o prestador de serviços gerais até a gestão, formam e se forma, nós só se formamos porque estamos em contato com o outro, é preciso trilhar esse caminho de troca, experiências e vivências, buscando o caminho de trocas e permutas. Este caminho acontece de mão dupla, só aprendemos porque ensinamos, só ensinamos porque aprendemos. A gente ensina não porque gosta de ensinar, mas sobretudo porque gosta de aprender.

A Professora Nima Spigolon da Faculdade de Educação da UNICAMP, em sua palestra num encontro de professores de Educação de Jovens e Adultos, nos faz uma importante reflexão sobre a formação dos professores: “a palavra formação de professores não dá mais conta da problemática educacional e existência do ser professor e do vir a ser professor. É preciso começarmos a pensar no termo ‘criação de professores’”. Somo educadores que estamos nos criando, se recriando, a cada nova experiência e vivência, a cada turma e ano, não somos mais os mesmos que adentramos na sala de aula, a paixão muda, as características modificam, as linguagens se transformam, a escuta simpática e empática perpétua e o sonho se renova, não somente do professor, mas dos alunos que se dialogam e se entrelaça com os seus. O professor empático, engajado com a EJA, não consegue passar despercebido pelos sonhos dos seus alunos e seguir o caminho”. Ele cria relação, o que denominamos de Pedagogia da Convivência.

5.4. Pedagogia da convivência na EJA

Inspirada por Paulo Freire, Bell Hooks ²³defendia uma educação libertadora, onde alunos e professores constroem conhecimento juntos. No contexto da EJA, isso significa valorizar as experiências de vida dos estudantes e promover um ambiente de

²³ Bell Hooks (nome estilizado em minúsculas) foi uma importante teórica da educação, feminista e crítica cultural. Sua abordagem pedagógica enfatiza o ensino como um ato de liberdade e transformação social. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sua perspectiva pode ser aplicada por meio da pedagogia da convivência, que valoriza o respeito mútuo, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

aprendizado democrático. Este ambiente nos propõe a pensar na pedagogia da convivência. A convivência no espaço educacional precisa ser pautada no respeito e na troca de experiências. Para Hooks, o ensino só é significativo quando considera a subjetividade dos alunos, permitindo que suas vozes sejam ouvidas.

Ela propunha uma educação baseada no afeto e na empatia. Na EJA, muitos alunos vêm de trajetórias difíceis, e um ensino acolhedor pode fazer a diferença em sua permanência e aprendizado. A pedagogia da convivência reconhece e celebra a diversidade. Hooks enfatiza que a educação deve incluir diferentes perspectivas e experiências, especialmente as de grupos marginalizados. Isso enriquece o aprendizado e promove uma compreensão mais ampla do mundo.

Bell Hooks questionava o modelo tradicional de ensino onde o professor tem todo o poder e o aluno apenas recebe informações. Na EJA, essa abordagem incentiva a construção coletiva do conhecimento, onde todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo. Ela propõe uma abordagem mais dialógica, onde o diálogo e a troca de ideias são essenciais para o processo de aprendizado. A Educação de Jovens e Adultos é um espaço rico para o diálogo e a troca de experiências. Nesse ambiente, os alunos trazem suas vivências, histórias e desafios, o que enriquece o aprendizado coletivo. Os educadores, por sua vez, têm a oportunidade de adaptar suas abordagens para atender às necessidades e interesses dos alunos, promovendo um ambiente inclusivo e colaborativo.

As trocas de experiências podem ocorrer em diversas formas, como debates, trabalhos em grupo e atividades práticas, onde cada participante contribui com suas perspectivas. Isso não só fortalece o aprendizado, mas também cria laços de empatia e respeito entre os alunos, que muitas vezes compartilham trajetórias de vida semelhantes. Além disso, o diálogo aberto permite que os alunos se sintam valorizados e ouvidos, o que é fundamental para a construção de uma comunidade de aprendizagem sólida. A EJA, portanto, não é apenas um espaço de ensino, mas também um lugar de construção de identidade e fortalecimento de vínculos sociais.

Hooks defendia ainda uma educação antirracista, feminista e inclusiva. Na EJA, isso se traduz no reconhecimento das múltiplas identidades dos alunos, promovendo um ambiente de respeito às diferenças culturais, étnicas e de gênero. A pedagogia da

convivência busca empoderar os alunos, incentivando-os a se tornarem agentes ativos em seu próprio aprendizado. Isso envolve desenvolver habilidades críticas e reflexivas, permitindo que os alunos questionem e desafiem normas sociais.

A pedagogia da convivência proposta por Bell Hooks é uma abordagem que visa transformar a educação em um espaço de acolhimento, respeito e aprendizado mútuo. Ao enfatizar a importância do amor, da comunidade e da inclusão, Hooks nos convida a repensar as práticas educacionais e a construir ambientes que realmente promovam a convivência harmoniosa e a justiça social. Essa perspectiva é especialmente relevante em contextos educacionais contemporâneos, onde a diversidade e a inclusão são cada vez mais reconhecidas como essenciais para uma educação de qualidade.

A convivência harmoniosa e a busca por justiça social são fundamentais na Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois esse espaço reúne estudantes com trajetórias diversas, muitas vezes marcadas por desafios sociais, econômicos e culturais, para garantir um ambiente de aprendizado positivo e inclusivo, é essencial o respeito à diversidade, o diálogo e cooperação, espaço seguro e acolhedor e o uso de metodologias ativas. Em conjunto com a convivência harmoniosa está a busca da justiça social na EJA. Realizar essa busca, significa oferecer uma educação que reconheça e combata as desigualdades, para isso, é necessário uma educação crítica onde a sala da EJA possa ensinar os alunos a questionar a realidade, refletir sobre as desigualdades e agir para transformá-las; um currículo contextualizado onde os conteúdos dialogam com a vida do aluno da EJA; promover a inclusão e acessibilidade garantindo que pessoas com deficiência, indígenas, quilombolas e outros grupos historicamente marginalizados tenham pleno acesso à educação; e a promoção de um empoderamento e protagonismo onde valorize a voz dos alunos, incentivando sua participação ativa na escola e na sociedade.

A EJA, quando estruturada com base nesses princípios, se torna um espaço transformador, onde a convivência harmoniosa e a busca por justiça social caminham juntas para formar cidadãos mais críticos, participativos e empoderados assumindo um caráter político e pedagógico.

A Pedagogia da Convivência tem esse caráter, pois vai além da simples transmissão de conteúdos e envolve a formação de cidadãos críticos, capazes de

transformar a realidade social. A relação professor e aluno é uma pedagogia da convivência e juntos desenvolvem teorias, metodologias e práticas progressivas, emancipadoras e inovadoras, é um momento de convivência dialética e dialógica. A Pedagogia da Convivência une o político (formação cidadã e crítica) e o pedagógico (métodos de ensino interativos e inclusivos). Isso é essencial, principalmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde a diversidade de experiências e desafios dos alunos exige uma abordagem que vá além do conteúdo formal e promova o respeito, o diálogo e a transformação social.

É uma pedagogia que exala amorosidade desenvolvendo um compromisso humanitário. O professor da EJA vai muito além do papel tradicional de ensinar conteúdo. Ele assume diversas funções na vida dos alunos, sendo um mediador do conhecimento, incentivador, orientador e até um suporte emocional. Isso acontece porque muitos estudantes da EJA enfrentam desafios como trabalho pesado, dificuldades financeiras, preconceito e baixa autoestima, tornando o papel do professor ainda mais essencial. Isso é o Esperançar que Paulo Freire nos ensinou.

Esperançar é um verbo que não vem da espera em vão, mas daquele que age enquanto espera, é acreditar que o melhor está por vir. Neste esperançar está a nossa escolha de ser professor, nós escolhemos ser professores com o desejo de ser mudança para o ser humano e para o mundo, como forma de manifestar a nossa indignação com as desigualdades sociais, preconceitos e racismo. Isso se aplica diretamente à pedagogia da convivência, pois aprender a conviver exige ações concretas para construir um ambiente de respeito, justiça e liberdade.

Os nossos alunos nos inspiram a ser seres humanos melhores. Após conhecer cada aluno da EJA, o professor muda e por ela acordamos todos os dias e lutamos. Nos engajamos na luta ao lado dos oprimidos, esfarrapados e excluídos. A pedagogia da convivência e o esperançar de Paulo Freire caminham juntas para construir uma educação transformadora, onde o ensino não é apenas um ato mecânico, mas um processo de libertação e empoderamento. Conviver é aprender com o outro, e esperançar é agir junto para transformar o mundo.

A pedagogia da convivência, inspirada em Bell Hooks, realmente transforma a sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um ambiente mais acolhedor e

inclusivo. Essa abordagem valoriza o empoderamento dos alunos e promove a construção conjunta do saber, permitindo que todos se sintam parte do processo de aprendizagem. Ao focar na convivência e no respeito mútuo, essa pedagogia ajuda a criar um espaço onde as experiências e vozes de cada aluno são valorizadas, contribuindo para um aprendizado mais significativo e colaborativo.

5.5. GEPEJA na formação do professor da EJA

A presença do professor dentro da Universidade Pública, além de contribuir para a sua formação através da Pós-Graduação, estabelece uma relação de formação contínua. O GEPEJA (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos) da UNICAMP trilha há mais de duas décadas esse caminho de diálogo construtivo com a sociedade, sobretudo com os professores das redes de ensino municipal e estadual.

Giubilei (1993) faz uma reflexão sobre a preocupação da Faculdade de Educação com o ensino de adultos:

Foi a preocupação de lutar contra a desconsideração para com os adultos que motivou a Faculdade de Educação a assumir o compromisso de um trabalho conjunto, solidário, entre esses adultos, seus professores, e a Direção, na construção de um conhecimento que, além de inseri-los no saber sistematizado, permitiria que essa inserção não se fizesse de forma passiva, mas representasse novas possibilidades de avanços na luta pelas conquistas da sua cidadania. Tinha-se consciência de que a educação de adultos era um processo eminentemente político, por meio do qual grupos excluídos dos direitos sociais deveriam ter acesso a bens culturais que lhes foram negados e que constituem um elemento indispensável na luta pela conquista do direito de participação no poder e no processo de transformação social (p. 45)

A professora Sonia Giubilei implantou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) um projeto intitulado “Projeto Supletivo: Preparatório aos Exames de 1º e 2º Graus” que fez parte de sua pesquisa de Doutorado, também esteve presente, juntamente com outros professores, na fundação do Grupo GEPEJA que tinham como objetivo principal de promover pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. Professora Nima Imaculada Spigolon, atual coordenadora do GEPEJA, defini-o como “lufada de esperança em tempos tão temerários, por um lado por lidar com educação e por outro por lidar com Educação de Jovens e Adultos”. O GEPEJA apoiado pela Faculdade de Educação da UNICAMP vem trilhando esse caminho de promover pesquisas, assim

como esta, dando voz aos professores que estão pisando no chão da sala da EJA.

As vozes dos docentes da EJA devem ecoar-se nos Grupos de Formação dentro das Universidades, essas vozes de lutas, resistência, de esperança que narram as vivências e experiências a partir de suas realidades em sala de aula. São nas narrativas que nos vemos, revemos e nos recriamos. Nas memórias encontramos e promovemos uma reflexão sobre o nosso papel de educador, promovendo uma nova ação que seja para o aluno uma ação libertadora, emancipatória e educadora.

Barcelos (2006) define os educadores da EJA da seguinte maneira:

(...) os mais recentes andarilhos da educação brasileira. Há que lhes dar atenção, escutá-los com cuidado. Ouvi-los mais devagar. Atenção para suas histórias. Elas são feitas de pedaços de vida e de morte. De sucessos e fracassos. De avanços e recuos. De alegrias e tristezas. Suas mãos podem estar vazias de verdades, mas seus corações e mentes estão cheios de ideias, de desejos, de aprendizagem (p. 82).

O Grupo de Pesquisa tem esse espaço de proporcionar a troca de experiências, os relatos, o conhecimento das dificuldades e a busca coletiva de soluções, a missão de promover debates e discussões de temas geradores e interesses da sociedade acadêmica. Um grupo formado por diferentes pessoas, de diferentes localidades, com realidades diversas, histórias que se encontram ou se distanciam, mas que se dialogam na mesma vertente, confabulando com as ideias de Tadif (2002) que afirma que o conhecimento docente “é um saber social porque é partilhado por todo um grupo de agentes – os professores” e ainda reforça “nas cidades e povoados onde não se faz presente a Universidade, a fim de promover os Grupos de Estudos e Reflexão, os educadores da EJA são deixados à mercê das Formações continuadas cedidas pelas redes de ensino, porém se o professor utiliza a EJA apenas para complementação de carga horária, a sua formação continuada se dará no ensino de maior carga, ficando a EJA esquecida”.

A relação do Professor da EJA com o seu aluno transcende as paredes da escola, se torna uma relação de amizade, de companheirismo, de troca de conhecimentos e experiências de vida. Os alunos da EJA veem nos seus professores, ainda que a diferença de idade seja grande, como modelos e referenciais a serem seguidos. É respeitoso como os estudantes da EJA se dirijam aos seus professores chamando-os de

Senhor e Senhora, não se trata de superioridade, mas de respeito e empatia que ambos se adquirem na sala de aula a partir de sua convivência diária. Os alunos da EJA, muitos marcados pelas dores do Mundo, onde lutam diariamente para sobreviver nas suas rotinas de trabalho, no papel de alunos, na relação de mãe e pai, encontram em seus professores, verdadeiros Mestres que lhes dão a mão e seguem juntos.

6. EJA: DIREITO, JUSTIÇA E RESISTÊNCIA

*“O sistema pode até me transformar em empregada
Mas não pode me fazer raciocinar como criada
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo
As negras duelam para vencer o machismo, o preconceito, o racismo.
Lutam para reverter o processo de aniquilação.
Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão
Não existe lei maria da penha que nos proteja
Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas
Fora macacos cotistas”²⁴*

Fabília é uma colega do Mestrado. Professora e Negra, nossos caminhos se entrelaçaram nas salas de aula e nossas histórias se cruzaram quando dialogamos sobre nossas práticas de vida e de escola. Fabília sonha com o esperar dos professores, já eu sonho com o esperar dos alunos. Relembro, numa das aulas da Disciplina de Seminário em Educação, quando ao narrar sobre a EJA, Fabília relatou um acontecimento, que havia promovido uma reflexão na sua trajetória de professora da EJA:

Quadro 5 - Relato Fabília

Certo dia, eu fui ao cinema com os estudantes da EJA, fazia parte de uma prática pedagógica que estávamos desenvolvendo fora do ambiente escolar. Foi um movimento muito lindo, para muitos deles era a primeira vez que adentravam uma sala de cinema, vi nos seus olhos o encanto da descoberta, o sabor da experiência e alegria da vivência. Não me recordo do filme que assistimos, pois minha memória deu espaço para a felicidade estampada no rosto daqueles alunos. No momento do retorno ao colégio, chovia muito e uma aluna solicitou para descer num ponto antes da escola, pois na comunidade do Oziel, apenas as ruas centrais são asfaltadas, sendo as ruas paralelas todas de terra. Então, mediante a festividade e alegria daquela estudante que estava toda feliz, cantando dentro do ônibus, concedi a autorização a qual ela havia pedido. De repente, aquela aluna desce do ônibus diante de toda aquela chuva, ela vai segurando pelo muro, pelas cercas, escorregando, indo naquele barro escorregadio. Fui pelas janelas do ônibus contemplando aquela cena, que dificilmente sai da minha memória. Era uma estudante mulher, negra, eu lembro dela de saia e a cor da blusa dela, ainda hoje fecho os olhos e vejo ela escorregando naquele barro. Diante daquela cena, eu não via apenas uma menina negra, uma mulher negra, uma estudante negra indo embora, eu me vi indo embora, depois de um momento tão especial”.

²⁴ Música “Mulheres Negras” composta por Eduardo Facção Central, 2012 e interpretada por Yzalú.

Quando Fabrícia terminou de narrar esse acontecimento, a cena se reconstruiu em minha mente e invadiu meu coração ao imaginar todos os alunos da EJA que vão embora, se deixam levar pelas águas da chuva ou pelos barros da vida que os tenta derrubar e desequilibrá-los. Fabrícia se viu naquela aluna negra indo embora. Eu me vi na Sonia indo embora, pois Sonia foi embora da EJA, assim como um dia minha mãe foi embora da escola para após a minha gravidez.

Encerro essa narrativa com o Poema Janela do Ônibus de Miró da Muribeca

“Janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar
 Ainda mais quando a viagem é longa
 Uma casinha branca lá no alto da montanha
 E eu perguntando: 'quem morava lá?'
 Um homem na BR olhando pro nada
 Uma mulher com um saco de capim na cabeça
 E o sol estralando nas suas costas
 E os políticos dando as costas
 É, janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar
 Ainda mais quando a viagem é longa”

Fonte: elaboração própria com base no relato de Fabrícia

Amorosidade, empatia e respeito entrelaçam as relações do professor da EJA com seus alunos. Este é o rosto da EJA no Brasil. O rosto de mulheres negras, de homens negros, de pessoas periféricas, encarceradas, discriminadas, de jovens excluídos e pessoas trabalhadoras, muitos excluídos ainda no ensino regular, que retorna à EJA na busca de serem reconhecidos como sujeito. Richieri (2016, p. 24) nos afirma: “A Educação de Jovens e Adultos está ligada diretamente com a ideia de justiça, de garantia de direitos e oportunidades iguais num país onde o analfabetismo ainda é visto como causa e não como efeito da sua situação econômica, social e cultural”. Carreira e Souza (2013) nos complementam:

Este rosto caracterizado da EJA é uma sociedade que busca por seus direitos, é o negro que luta com o racismo, o pobre que batalha contra uma sociedade capitalista que o torna “escravo” do seu trabalho e dos seus patrões, são as mulheres que diariamente se inventa e reinventa lutando para manter o sustento das famílias, é o público LGBTQIAPN+ que cotidianamente luta para sobreviver numa sociedade que os discrimina e mata por serem quem são. Esses e outros supracitados acima, são o rosto da EJA no Brasil, rosto de

uma população que além de buscar pelos seus direitos como cidadão, busca através da Educação a possibilidade de passarem de objetos para sujeitos, uma população que tem que nas suas lutas entrelaçadas com a história do racismo no Brasil. Racismo negado pela condição do outro, seja por sua característica física ou herança cultural. Racismo que contribuiu para retardar ao longo do século XIX e começo do século XX a emergência de um projeto nacional e republicano de educação, justificado pelo fato de a maioria da população ser negra (p.14).

Uma EJA sem discriminação, sem preconceito e inclusiva precisa de políticas de inclusão e fomentação em todas as esferas públicas, municipal, estadual e federal. A EJA ao longo dos anos se desenvolveu atrás de associações e participações populares. Durante algum tempo, os salões das igrejas foram utilizados como sala de aulas para os adultos, movimentos de Universidades, como relatamos acima a partir da Professora Sonia Giubilei, se fizeram presente a fim de contribuir para irradiação do analfabetismo bem como a inserção do público adulto no direito à educação. Leôncio Soares (2002) faz um alerta sobre os avanços nos direitos da EJA:

Para se avançar na perspectiva de um direito efetivado, é preciso superar a longa história de paralelismo, dualidade e preconceito que permeou a sociedade brasileira e as políticas educacionais para a EJA. Neste sentido, consoante a colaboração recíproca e a gestão democrática, a avaliação necessária das políticas implica uma atualização permanente em clima de diálogo com diferentes interlocutores institucionais compromissados com a EJA (p.110).

Garantir que os direitos dos alunos da EJA sejam cumpridos e respeitados, se faz necessário de pessoas compromissadas com a modalidade. Conforme relatado no começo desta dissertação, a EJA avançou grandes marcos, porém sofreu um grande retrocesso nos últimos anos, principalmente ao atravessar uma pandemia que afetou o mundo inteiro. Os Fóruns EJA espalhados em todo o território nacional, têm sido a voz que ecoa cobrando os governos por políticas públicas que visam garantir o direito de estudar destes alunos. Contudo, é preciso se pensar nessa voz que levantam tendo como justificativa a educação de jovens e adultos. Essa voz precisa ser uma voz comprometida e não somente por voluntariado. Professora Sandra Leite da Faculdade de Educação da Unicamp, analisou as políticas educacionais da EJA até os anos 2000, se faz necessário que este estudo seja complementado e pensando nos avanços e retrocessos que as

políticas educacionais da EJA têm até o presente ano de 2024. Contudo, é importante destacar o que Leite (2013) comenta sobre a necessidade de políticas públicas para a EJA:

A EJA tem necessidade de políticas públicas que visem o atendimento permanente e não simplesmente de campanhas e ações com prazos determinados que não criam raízes com as reais demandas do público a que se destinam. A EJA vem sendo privada de uma política que verdadeiramente lhe dê condições efetivas de trabalho. Ainda não lhe é respeitada a condição portadora de um direito e são muitas as precariedades. Na busca da garantia do direito à educação, ainda há muito a se fazer. Os implementadores das políticas públicas precisam se atentar para suas responsabilidades em viabilizar o Estado a instituir de fato o direito à educação para jovens e adultos da modalidade EJA (p.296)

Não basta refletir sobre políticas de incentivo, fomentação, permanência e práticas pedagógicas a fim de contribuir com a EJA, é preciso de ações afirmativas e reparadoras com a Educação de Jovens e Adultos, combinados com seus direitos sociais. É necessário que se realize a frase primordial da Constituição de 1988: “Todos têm direito à educação” (Brasil, 1988). E completo com Carreira (2014, p.212): “a EJA tem direito à educação que supere sua herança racista e a histórica tolerância para com as desigualdades que ainda marcam a sociedade e o Estado brasileiro”. O Pacto nacional de superação do analfabetismo é o mais atual direito lançado em prol das pessoas analfabetas.

6.1. Renasce a esperança

Ao longo de uma década, o PNE não conseguiu cumprir com suas metas, com objetivo de acelerar a superação do analfabetismo no Brasil, o governo federal lançou em junho de 2024 o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, que surge como um novo esperançar para os todos os militantes da EJA no Brasil. Objetivos principais do pacto:

1. Superar o analfabetismo de jovens, adultos e idosos;
2. Elevar a escolaridade de jovens e adultos e idosos;
3. Ampliar a oferta de matrículas da EJA nos sistemas públicos de ensino, inclusive entre os estudantes privados de liberdade;
4. Ampliar a oferta da EJA integrada à educação profissional (Brasil, 2024).

Ao observar os objetivos do Pacto e o PNE, observamos que as metas traçadas pelo PNE em 2014 e não cumpridas ressurgem como uma nova esperança no Pacto lançado após 10 anos do PNE sem sucesso. Este novo programa do governo convoca a sociedade civil, lideranças e movimentos sociais, empresariado a se juntarem e contribuir para a superação do analfabetismo. Dentre suas estratégias, a ausência de plano voltado especificamente às pessoas negras e pardas é notória.

É necessária uma redobrada atenção, na região do Nordeste se concentra o maior índice de analfabetos, sendo também o maior percentual de analfabetos de pessoas negras e pardas, deve se existir uma política pública, estratégia ou plano especificamente as EJAS Quilombolas e EJAS Periféricas onde se concentra os maiores números de moradores e pessoas negras. Contudo, a Região do Nordeste aderiu 100% ao Pacto Nacional, conforme dados divulgados pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi), ficando somente 16% das redes municipais fora do Pacto.

Reacende em nós a esperança a partir do Pacto, reaquece em nossos corações o desejo de uma educação para todos, nos amima de amorosidade o desejo de superação do analfabetismo e nos encoraja, a partir do pacto, de continuarmos a nossa luta por uma EJA Igualitária, reparadora, equalizadora e qualificadora.

7. NEGRO REI

*(...). Prende a tristeza, meu erê
Sei que essa dor te faz sofrer.
Mas guarda esse choro.
Isso é um tesouro.
Aos filhos de rei (...)²⁵*

Pensar na desistência dos alunos da Educação de Jovens e Adultos a partir de uma experiência vivenciada na prática, refletir sobre políticas públicas de permanência, fomentação e incentivo a fim de inserir na sociedade uma população com direitos sociais e pensar sobre as práticas pedagógicas dos educadores da EJA, olhando para a minha trajetória enquanto professor, me fez refletir sobre minha caminhada antes do ingresso no Mestrado Profissional e pensar nos impactos que o processo de formação continuada, a partir da pós-graduação, faz com que eu promova novas ações dentro da Educação de Jovens e Adultos bem como uma conscientização sobre minha prática promovendo outra prática inovadora.

Ao pensar nos desafios que enfrentamos para lecionar na EJA, me posiciono como um professor que deve assumir a postura de parceiro de caminhada dos seus alunos. O professor da EJA não pode mais estar na sala de aula dotado de boas vontades e intenções maravilhosas com os adultos, ele precisa estar na sala de aula como um militante de luta pela EJA, como alguém que, além dos conhecimentos, possa transmitir para seus alunos os seus direitos enquanto cidadãos e promover a partir de sua prática uma ação libertadora na vida dos seus estudantes. A prática matemática do professor na EJA é essencial para empoderar os alunos, tornando-os mais confiantes para lidar com desafios do dia a dia e do trabalho. Ensinar matemática na EJA não é só ensinar números, mas transformar vidas. A compra no supermercado é uma excelente ferramenta para ensinar matemática de forma prática e contextualizada na EJA. Além de melhorar o aprendizado matemático, essa abordagem ajuda os alunos a planejar melhor seus gastos, tomar decisões financeiras inteligentes e desenvolver autonomia no dia a dia. Matemática na EJA precisa ser aplicada à vida real – e nada mais real do que o supermercado

²⁵ Música “Negro Rei” composta por Marcelo Barbosa / Bozzo Barreti / Nil Bernardes e Cantada pelo Grupo de Música Cidade Negra, 2006.

Os desafios enfrentados pelos professores de Educação de Jovens e Adultos requer uma abordagem multifacetada que envolva apoio institucional, formação contínua e a criação de um ambiente educacional inclusivo. Algumas estratégias podem ser adotadas, com objetivo de contribuir para que os desafios sejam superados: Oferecer programas de formação e capacitação específicos para professores de EJA; Garantir que as escolas tenham acesso a recursos e materiais didáticos adequados; Disponibilizar serviços de apoio psicológico e social para alunos e professores; Permitir que os professores adaptem o currículo às necessidades e interesses dos alunos; Reconhecer e valorizar o trabalho dos professores de EJA, oferecendo incentivos, como melhores salários, condições de trabalho adequadas e oportunidades de crescimento profissional; Promover parcerias com a comunidade local, empresas e organizações sociais para criar um ambiente de apoio ao aprendizado e à inclusão dos alunos; Incentivar o uso de metodologias ativas que promovam a participação dos estudantes, como projetos, trabalhos em grupo e atividades práticas; Estabelecer redes de apoio entre professores de EJA, onde possam compartilhar experiências, desafios e boas práticas; Implementar sistemas de acompanhamento e avaliação que considerem as particularidades dos alunos da EJA; Realizar campanhas de conscientização sobre a importância da EJA e o combate ao preconceito, tanto dentro da escola quanto na comunidade.

Os desafios da EJA são significativos, contudo, as perspectivas para o futuro são promissoras. Com um enfoque em inovação, inclusão, valorização da experiência dos alunos e formação contínua dos professores, é possível transformar a EJA em uma educação de qualidade que atenda às necessidades dos jovens e adultos, contribuindo para sua inclusão social e profissional. O compromisso de todos os envolvidos — governo, instituições educacionais, professores e comunidade — será fundamental para alcançar esses objetivos.

O professor da EJA deve assumir a função de especialista em currículo, a fim de contribuir com seus alunos na busca de um emprego; o de mediador para debater com seus alunos sobre a política atual do País; orientador, a fim de contribuí-lo na busca de seus direitos, na conquista de uma vaga na faculdade ou no pedido de aposentadoria. A relação professor-aluno da EJA deve ultrapassar as barreiras e os muros da escola e formar cidadãos engajados na sociedade a fim de transformá-la a partir dos seus

posicionamentos. A partir do MP, deixo a postura de professor simpatizante para ser educador militante da EJA. Um professor comprometido com a sua formação acadêmica continuada, visando a melhora nas práticas de ensino, pesquisa e contribuição para a aprendizagem dos alunos.

Pensar numa EJA futura, exige de toda a sociedade uma reflexão pautada em ações que promovam a igualdade, equidade e a justiça social e reparadora para com todos os alunos da EJA sobretudo os analfabetos. É preciso que se exige de todos os órgãos competentes investimentos infraestruturas com objetivo de atender os alunos da EJA, como: melhorias físicas, promovendo salas de aulas adequadas, iluminadas e ventiladas, além de espaços de convivências e bibliotecas que incentivam e promovam o aprendizado significativo dos alunos; Tecnologia e Acesso Digital, equipando as escolas com computadores, tablets e acesso à internet, criando laboratórios de informática, ciências e tecnologias inovadoras; Acessibilidade, adaptando as instalações para garantir que todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, tenham acesso pleno às atividades educacionais; ambientes de Aprendizagem que favoreçam a aprendizagem colaborativa, como salas de aula flexíveis e áreas externas para atividades práticas, lúdicas e significativas.

Essas ações interligadas podem contribuir significativamente para a melhoria da EJA, criando um ambiente educacional mais inclusivo, acolhedor e eficaz. Ao investir em infraestrutura, valorizar os professores, flexibilizar os cursos e combater o preconceito, é possível promover uma educação de qualidade que atenda às necessidades dos jovens e adultos, preparando-os para os desafios do mundo contemporâneo.

Ao concluir este trabalho, no percurso de 2 (dois) anos, me posiciono ao findar como professor negro, que já sofreu as marcas do preconceito, que chega ao GEPEJA para, ao lado dele, lutar por pelos alunos e alunas da EJA, pelos analfabetos e silenciados pela sociedade. Lutar por uma Educação para todos, engajado nos fóruns de pesquisas e no enfrentamento por políticas públicas que promovam e favoreçam a EJA na sua complexidade total e as façam cumprir no chão da sala de aula, nas ruas dos municípios e na vida dos estudantes. EJA é Esperança e a Esperança nasce do Amor. EJEAR é amar. EJEAR é amor!

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARELARO, Lisete Regina Gomes; KRUPPA, Sonia Maria Portella. A educação de jovens e adultos. In: OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (Orgs.) **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. São Paulo, SP: Xamã, 2007. Cap. p. 84-107.

ARROYO, M. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARCELOS, V. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento- Evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 17- 36.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

BRASIL. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases Para o Ensino de 1º e 2º Graus, e Dá Outras Providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 6377, 12/8/1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. Acesso em: 26 julho 2024.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 27833, 23/12/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 26 julho 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.818, de 16 de janeiro de 2024**. Institui incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança, aos estudantes matriculados no ensino médio público; e altera a Lei nº 13.999, de 18 de maio de 2020, e a Lei nº 14.075, de 22 de outubro de 2020. Diário Oficial da União, 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14818-16-janeiro-2024-795255-publicacaooriginal-170861-pl.html>. Acesso em: 04 jan. 2024.

BRASIL. Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos. **Cartilha - Ministério da Educação (MEC), Governo Federal União e Reconstrução**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/institucionais/cartilha-pacto-eja.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-ceb->

2021#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCEB%20n%C2%BA%201,Jovens%20e%20Adultos%20a%20Dist%C3%A2ncia. Acesso em: 05 jan. 2025.

CARREIRA, D; SOUZA, A. L. S. **Indicadores da Qualidade na Educação** – Relações Raciais na Escola. São Paulo: Ação Educativa/Unicef/MEC/Seppir, 2013.

CARREIRA, D. Gênero e Raça: A EJA como Política de Ação Afirmativa. In: CATELLI Jr.; HADDAD, S.; RIBEIRO, V.M. (Orgs.). **A EJA em xeque**: desafios das políticas de Educação de Jovens e Adultos no século XXI. São Paulo: Global, Ação Educativa, 2014, p. 195-230.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 4. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.

DI PIERRO, M; GRACIANO, Mariângela. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil**: informe apresentado à oficina regional da UNESCO para América Latina y Caribe. São Paulo: Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação, 2003.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, v. 21, n.º 55, p. 58-77, novembro 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/44R8wkjSwvn8w6dtBbmBqgQ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 25 jun. 2023.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.

GIUBILEI, Sonia. **Trabalhando com adultos, formando professores**. Campinas, 1993. 200 p. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 108-130, maio 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/#>. Acesso em: 25 jun. 2023

LEITE, Sandra Fernandes. **O direito a educação básica para jovens e adultos na modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Campinas, p. 355. 2013.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 12 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2001.

RICHERI, Ewelyn Mayara Vieira. **A contribuição do Projeto Educativo de Integração Social na trajetória de escolarização de jovens, adultos e idosos**. 2016. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

RODRIGUES, Rubens (org.). **A contribuição da Escola na trajetória de escolarização de Jovens e Adultos**. Curitiba: CRV, 2009.

SÃO PAULO. Instituto Federal de Educação Tecnológica de São Paulo. Pós-Graduação Lato Sensu em nível de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Ministério da Educação, 2010. Disponível em: https://spo.ifsp.edu.br/images/phocadownload/DOCUMENTOS_MENU_LATERAL_FIX_O/POS_GRADUA%C3%87%C3%83O/ESPECIALIZA%C3%87%C3%83O/Educa%C3%A7%C3%A3o_Profissional_Integrada_%C3%A0_Educa%C3%A7%C3%A3o_B%C3%A1sica_na_Modalidade_EJA_-_Proeja/PPC_Esp_PROEJA_setembro_-_2010.pdf. Acesso em: 04 jan. 2025.

SOARES, L. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA FILHO, Alcides Alves de; CASSOL, Atenuza Pires; AMORIM, Antonio. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** v. 29, n.112, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362021002902293>. Acesso em 06 jan.2025:

VÓVIO, Cláudia Lemos. **Textos narrativos orais e escritos produzidos por jovens e adultos em processo de escolarização**. 237 p. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TADIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Vozes, 2002.

XAVIER, Maria do Perpétuo Socorro Ramos. **Estudo sobre persistência e evasão escolar em EJA no Nordeste, Castanhal-PA: análise e proposições**. 2019.141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

9. APÊNDICE

9.1. QUALIFICAÇÃO

Prezados membros desta minha amada banca de qualificação.

Nesta linda tarde de inverno, neste aconchegante espaço de ensino e educação, aqui estamos para EJEAR. Sim, EJEAR é dar vida a EJA, é dar voz, é saber ouvir e escutar. Neste percurso de 2 anos de pós-graduação, inúmeras foram as vezes que escutei, dialoguei e falei sobre a EJA, todas as vezes nós ejeamos. Paulo Freire nos ensinou que a Esperança também é ESPERANÇAR, não de alguém que espera algo acontecer, mas a esperança como verbo de ação, movimento. É um movimento de dentro para fora. Será senão poderíamos dizer que a EJA também é um EJEAR?

Ejear de verbo, de ação e de movimento, de um mover de dentro para fora. Sim. Isso é EJA. Quando por vezes empurrava o carrinho do mercado ajudando minha avó na compra, mal sabia que ali eu estava como uma calculadora ou dicionário, para uma avó analfabeta. Durante esses dias, ao refletir de minha caminhada até este momento, pensei: Sim, aquele menino negro, pobre, filho de empregada doméstica e criado por uma avó analfabeta logo se tornara um mestre em educação. Poderia aqui descrever inúmeras vezes e situações quando fui dicionário, calculadora, palavras e pensamentos para aquela mulher pequena na estatura e grande no significado da palavra MULHER. Somente de uma avó-mulher como aquele, somente de uma mãe-negra-mulher como aquela, poderia surgir um menino com tanta determinação, resiliência e empatia. Não descrevo esses fatos, como síndrome de dó, mas para dizer que o movimento de EJEAR esteve tão impregnado em minha vida quanto eu podia imaginar, hoje entendi por que Nima me ensinou que “não luto pela EJA, mas luto com a EJA”. EJA é esse movimento e foi esse movimento que despertou dentro de mim, quando no meu acomodar na sala de EJA, minha vida se entrelaçou com a de Sonia. Por tantos motivos Sonia não permaneceu naquela Sala de EJA, sua esperança foi roubada, sua vida foi tirada, seu respiro foi abafado e sua voz foi camuflada novamente e por vezes, perguntei para mim mesmo, onde tu estás Lucas? Talvez tenha permanecido sentado no meu banco

assistindo a exclusão de Sonia, mas para mim, esse banco já não me preenchia mais como ser humano, como sonhador, como homem, como um negro.

Quando fico a pensar na trilha que passei durante o mestrado, essa característica me floresceu durante este percurso “o de negro”, será essa a reflexão que Paulo Freire tanto nos fala quando nos pede uma Reflexão sobre a nossa prática?

Refletir é o movimento que a EJA me faz todas as vezes. Refletir nas histórias de lutas, nas vidas que se entrelaçam, nos sonhos roubados e no retorno em buscá-lo, refletir na luta por direitos, na conquista do sujeito, na quebra dos muros e das barreiras, há se pudéssemos dar voz a tantas e tantas mulheres e homens das EJA, certamente faltaria folhas no diário para escrever e palavras para reescrever, talvez pudéssemos resumir todos numa só: LUTA.

Mas a palavra luta não é oriunda de LUTAR? Lutar não é um verbo de ação? Sim, a EJA é essa ação. São seres humanos que lutam diariamente, para vencer os empecilhos de uma sociedade que os exclui, que os discrimina e os descarta por serem os “sem diplomas”. São gentes, pessoas que enfrentam as dificuldades da vida para serem trabalhadores estudantes ou estudantes trabalhadores, como bem colocado e vivenciado por nós, desta disciplina de Pedagogia, no primeiro dia, quando uma colega fez seu almoço durante a aula. Nós professores também somos os Passageiros da Noite, que se descolamos de ônibus, carro ou a pé para poder ensinar, como bem nos ensina Miguel Arroyo.

Que ação maravilhosa essa. Deslocar, andar, correr para ensinar. Sim, não podemos mais ficar parados, somos também os sujeitos da ação, do mover. Os alunos correm para a escola a fim de aprender e nós corremos a fim de ensinar. Que caso de amor preciosos aos nossos olhos. É o professor que encontra nas suas aulas o novo despertar do ensinar e os alunos que redescobrem a alegria de aprender, certamente nunca se apagará das minhas memórias ou da pupila dos meus olhos, aquela aula no laboratório que vivenciei com a EJA. Por vezes me questionei e questiono, será que o professor da EJA já descobriu o prazer do engajamento da turma? Não saberia neste momento responder por tantos e tantos colegas de trabalho, mas saberia dizer por mim: não consigo mais olhar para meus alunos da EJA como alunos ou estudantes, mas como Marias, Joãos, Pedro, Robertos, Laura, Joaquim e tantos e tantos nomes, pois são seres

humanos, são vidas, são histórias, são destinos que se cruzam e se entrelaçam na estrada da vida, na busca do tão sonhado diploma.

Sonhar, ainda lembro das belíssimas palavras de Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança*, quando ele diz “fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos=, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ver no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”. Sonhar com esperança de uma vida justa e melhor, como já dizia Gonzaguinha “Viver e não ter a vergonha de feliz. Cantar, cantar e cantar a beleza se der um eterno aprendiz. Ah, meu Deus! Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita. É bonita, é bonita e é bonita”.

Sim é lindo e fantástico ver a vida sendo liberta do aluno da EJA. Ver suas escamas e amarras de oprimido caírem por terra. É como a vida que nasce ou renasce, como uma planta que surge, como a flor que brota ou como o sol que renasce todos os dias nos ensinando que a vida é feita de recomeço.

Recomeçar deveria estar nas pautas principais de políticas governamentais, quando nos referimos a Educação de Jovens e Adultos. Certamente, se isso se fizesse presente, não nos emprestaríamos mais nossos ouvidos para ouvir os lábios de professores como Fabrícia contar histórias de evasão, ou emprestar nossos lenços para minimizar as lágrimas dos olhos que viram um caminho se findar. Quem me roubou de mim? Quem roubou a esperança dos olhos daquela aluna NEGRA que deslizou no barro e foi embora? Quem roubou novamente seu sonho? Quem a condenou a continuar vivendo na condição de oprimida?

Será culpa do racismo? Do genocídio? Das homofobias? Da discriminação? Da violência doméstica? O Silêncio perturbador contemplado por aquele caminhar na noite fria e chuvosa, jamais obteve uma resposta, mas de quem viria uma resposta? Ela poderia vir de nós pesquisadores, acadêmicos e cientistas que nos bancos de teses descobrimos e redescobrimos tantas hipóteses e teses para os problemas educacionais, porém ainda somos tão poucos ouvidos e falados. A resistência e a luta, devem estar pautadas em nossa vida diária, jamais desistiremos de perseguir enquanto tiver um coração de EJA ecoando em uma sala de aula. Jamais poderemos deixar de lutar,

enquanto tiver um sonho de EJA pairando nos corredores das escolas. Jamais deixaremos gritar por justiça, direito e igualdade, enquanto tivermos professores engajados com a educação de adultos. Sigamos juntos, de mãos dadas e entrelaçadas, construindo e lutando por uma sociedade justa e igualitária, onde todos têm seus direitos respeitados, sobretudo os passageiros da noite “os estudantes trabalhadores”.

Permita-me despedir dessa apresentação de qualificação, utilizando uns versos que me acalentaram o coração, na manhã fria deste domingo por uma amiga da EJA, onde ela me descreve assim:

Negro Sou.

Na minha justa estrutura de fé
Negro sou, nesse universo da ciência
Eu negro cientista, contador de números e de causos.

Oriundo da matemática profana da escassez
Negro eu sou, criado e ungido por minha vó.
Ela analfabeta e cientista também.

Engendrou em mim sonhos possíveis
Negro menino bom de “contas”
Caprichei e formei, fiz o que pedia.

Que rogasse sempre por homens e mulheres como ela.
E eu, negro menino, encorajei me na EJA
Assim, me encontro tão iluminado-professor.

Todas as vezes que ensino a somar e dividir
Somo-me a elas, mulheres, nesta distinta oportunidade de aprender-ensinar.

Divido como eles, meninos, homens
As vantagens de ser sonhador

Para continuar a contar causos e histórias

Destas debulhadas em rosário
Meticulosamente cuidados de esperança
Negro, menino, mulher, homem, senhora vó

Sou negro, no rompimento de fronteiras
Escandalizando quem outrora me silenciou
Negro sou, pesquisador que grita por tantas vozes
De outros negros e negras como eu!!

9.2. DEFESA

*“Janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar
Ainda mais quando a viagem é longa
Uma casinha branca lá no alto da montanha
E eu perguntando: 'quem morava lá?'
Um homem na BR olhando pro nada
Uma mulher com um saco de capim na cabeça
E o sol estralando nas suas costas
E os políticos dando as costas
É, janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar
Ainda mais quando a viagem é longa”²⁶*

Várias viagens foram feitas ao longo destes mais de dois anos de pós-graduação dentro da Unicamp. Uma curta distância de SP a Campinas, mas repleta de longas horas de pensamento que viajava, vagava e retornava. O desejo, a curiosidade e o novo, saltitava em meus pensamentos. O que encontrar nesta pós-graduação?

²⁶ Poema “Janela de Ônibus” do poeta Miró da Muribeca.

Se a vida é um caminhar, um peregrinar, a rodovia do mestrado era uma estrada de Esperança, de Amizade, afetos e conhecimentos.

Se a janela do ônibus nos faz pensar, as rodovias que andei durante este tempo se incumbiram de exercer este movimento. Mas pensar no que?

Pensar na luta e nas dificuldades que este menino negro, ao sair da casa paterna em 2009 para cursar a Graduação enfrentou. Dificuldades financeiras, falta de alimentação, ausência de livros e por vezes até de xerox para estudar. Desmotivação de alguns membros familiares, mas muito amor, aconchego e uma olhar doce e terno de duas mulheres que me diziam: corra atrás do seu sonho.

Pensar nas primeiras salas de aula que lecionei após formado. Sem saber o que ensinar, como agir, como se portar. A faculdade não nos prepara para ser professor, como minha orientadora me ensinou, nós nos tornamos, criamos e nos recriamos como professores.

Por vezes pensei no rosto de cada aluno, nas suas histórias, também nas suas dificuldades, mas sobretudo nos meus alunos da EJA. Como não pensar nas Sônia espalhadas neste Brasil que são impedidas de estudar, por serem mulheres e muitas vezes mulheres Negras. Esses quilômetros que percorri durante estes anos, foram por vocês Sônia espalhadas no Brasil, foi pela nossa pedagogia da convivência.

Janela do carro, nos coloca para pensar.

Pensar nas mulheres como minha mãe, que sacrificam seus sonhos para que os filhos possam estudar. Seu sacrifício valeu a Pena Mãe. Hoje recebi o título que sonhamos juntos.

Pensar nas mulheres analfabetas, como minha avó, que educam os seus netos no silêncio de suas casas com poucas moedas, sacrifício, doações e auxílios, mas que não perdem nunca a esperança em seus olhares.

Pensar nas Sônia de todas as EJA do Brasil, que enfrentam o preconceito, o racismo, a discriminação, a violência doméstica, a incompreensão e são impedidas de

estudar sendo obrigadas a viver na condição de oprimida, rebaixada, a “escrava do lar”. É roubado delas todos os direitos, sobretudo o direito de estudar e lhes obrigam a viver na condição de objetos.

Pensar nos meus amigos, que não soltaram e numa soltarão minha mão. Durante estes 2 anos que caminhamos juntos e muitos outros que ainda vamos caminhar, alguns chegaram, passaram e foram embora, mas outros, como andorinha, resolveram fazer seu ninho e repousar. Agradeço por terem resolvido fazer os seus ninhos em minha história, no meu coração. O mundo precisa de mulheres como vocês. Mulheres mães que amam seus filhos, como sempre escutava de sua boca Aline; mulheres negras, animadas e cantoras que ao encontrar os amigos já os convida para uma roda de ciranda. Vamos Cirandar Tania? Mulheres negra como você Fabrícia do Vale do Jequitinhonha, jamais esquecerei desse vale, por que nos vales nós encontramos os tesouros escondidos, que belo tesouro o vale do Jequitinhonha que deu, uma professora lutante, que ainda luta contra o preconceito e a discriminação acadêmica, mas levanta, sacode a poeira e sempre dá a volta por cima.

O mundo precisa de mulheres como todas vocês que andaram comigo neste percurso de Mestrado, Rute, Carol e tantas outras. Vocês são necessárias.

Ao descrever todos esses pensamentos, relembro cada trecho que percorri nesta rodovia durante estes anos. Foram vários pensamentos, sentimentos e emoções que vivi e ainda viverei neste local. Mas como toda rodovia, sempre tem um ponto de chegada, o meu foi e sempre será a Faculdade de Educação da UniCamp. Chegar neste espaço físico onde as mentes e as teorias se entrelaçam com as vidas e as histórias é se encontrar. E eu encontrei.

Encontrei o GEPEJA, meu Grupo de Pesquisa, que me acolheu deste do primeiro momento, como supergeneros que somos, trabalhamos, choramos, lutamos e vibramos juntos, pois cada membro deste grupo, junto com sua pesquisa, trajetória e história, faz deste grupo um EJEAR. Foi neste grupo que conheci uma mulher negra que hoje compôs minha banca. Esta mulher silenciosa, mas com seu olhar profundo e silente sabe as dores que, assim como ela, já enfrentamos por sermos negros numa sociedade onde nos

excluí. Mas mostramos e comprovamos que podemos chegar, ainda que com muita dificuldade, sem compreensão e invadindo os espaços que tentam nos impedir que sou um Mestre e você uma Doutora. Obrigado Rosangela. Sua presença foi um sinal materno de minha mãe na minha banca.

Encontrei neste lugar um prédio chamado Paulo Freire e neste local o amigo de Paulo Freire. Esse amigo que foi seu motorista, levando pelas ruas de São Paulo e que, ao contar os seus causos aos seus alunos, nos faz voar nas asas da imaginação desta amizade. Ter sido motorista de Paulo Freire o faz ser motorista de tantos alunos que recorrem ao senhor professor Adriano, na busca de saberes e reconhecimentos. Acolher estes alunos, o faz ser um freireano e encorajar os seus alunos na luta por educação igualitária para todos.

Encontrei nestes corredores da FE acolhimento, o mesmo sentimento que recebi na disciplina de Seminário de Formação, quando nesta caminhada de mestrando, aflito estava. Uma acolhida com um olhar que me disse: se precisar de mim, estou aqui! Seu jeito simples e leve de conduzir suas aulas, por vezes me provocou e causou algumas inquietações. Um olhar amoroso, repleto de pedagogia da convivência, tem a eficiência em nos acalma no momento certo. Gratidão Professora Claudia.

Encontrei, perdi e achei tantas coisas belas e maravilhosas nestas minhas andanças pela Unicamp, mas foi numa tarde de café que encontrei o que seria minha escada neste mestrado, minha querida Nima.

Ela foi vários degraus durante minha jornada de mestrando. Foi o degrau da ternura: quando me chamava carinhosamente de “luquinha”, repetia a maneira singela e afetiva com que minha avó denominava.

Ela foi degrau de acolhimento, ao chegar neste Campus, segurou em minhas mãos (e nunca mais soltou) e de mãos dadas trilhamos juntos cada espaço e lugar deste local, conhecendo e se apresentando, sempre se referindo a mim como “seu novo pupilo”.

Ela foi o degrau da esperança, quando sem mesmo me conhecer pessoalmente, me entrevistou e concedeu a nota suficiente para eu ser aprovado no processo seletivo.

Foi degrau de mãe quando se desdobrava, sacrificava para estar onde seus orientandos estavam; vibrar com nossas vitórias e lutar pelos nossos direitos quando necessário. Ela foi o degrau do aconchego quando abriu as portas da sua casa e me acolheu sem esperar nada em troca, apenas afeto, carinho, respeito e gratidão.

Ela foi Nima do seu jeito de ser. Nima querida. Nima flor e tantos outros adjetivos que não há mais degrau suficientes para descreve-lo, mas que guardarei para sempre nas pupilas dos meus olhos e nas brechas do meu coração o que vivi, convivi e presenciei junto dela.

Peço licença para agora me despedir e retornar minha caminhada nesta rodovia, pois existe mais alguns quilômetros que preciso percorrer dando voz a todos que pensam uma Educação Matemática na EJA. Até breve. Até o Doutorado.